

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACOMB – FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA

MAYARA CALÁCIO DE SOUSA

DO JORNALISMO À EDUCAÇÃO:
A INFORMAÇÃO JORNALÍSTICA COMO PARTE DO PROCESSO EDUCATIVO
INFORMAL

Goiânia

2010

MAYARA CALÁCIO DE SOUSA

DO JORNALISMO À EDUCAÇÃO:
A INFORMAÇÃO JORNALÍSTICA COMO PARTE DO PROCESSO EDUCATIVO
INFORMAL

Monografia apresentada à Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, orientada pelo professor Ms. Edson Spenthof.

Goiânia

2010

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
GPT/BC/UFG**

S725d Sousa, Mayara Calácio
Do jornalismo à educação [manuscrito] : a informação jornalística
como parte do processo educativo informal / Mayara Calácio de Sousa.
- 2010.
89 f.

Orientador: Prof. Ms. Edson Luiz Spenthof.
Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade
de Comunicação e Biblioteconomia, 2010.
Bibliografia.

1. Jornalismo. 2. Educação. 3. Sociedade – conhecimento. I. Título.

CDU: 070:37

MAYARA CALÁCIO DE SOUSA

DO JORNALISMO À EDUCAÇÃO:

**A INFORMAÇÃO JORNALÍSTICA COMO PARTE DO PROCESSO EDUCATIVO
INFORMAL**

Monografia apresentada no Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do grau de graduação, aprovada em _____ de _____ de _____, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Ms. Edson Spenthof – UFG
Presidente da Banca / Orientador

Prof^ª. Ms. Silvana Coleta – UFG
Professora/Convidada

Ao meu Senhor Jesus Cristo, Salvador, Digno de Toda Honra, Glória e Louvor, Ser pelo qual pretendo dedicar toda a minha vida, e incessantemente buscar a Sua face;

Aos meus pais e irmã, especialmente ao meu pai, que não mediu esforços para se dedicar a *profissão* não só de pai, mas de eterno patrocinador dos meus sonhos;

Ao meu Amorzão e futuro esposo, Marcus Vinícius, que despertou em mim a vontade de crescer como namorada, noiva e jornalista, e por causa dele me encontro cada dia mais próxima do sucesso.

“Em uma atmosfera relaxada o telespectador deve aprender, sem esforço, que ‘há outras coisas no mundo’ e que ‘sempre se deve usar o cinto de segurança’. Mas não deve perceber, sob nenhuma circunstância, que algo lhe está sendo ensinado”.

Bosshart, 1984

SOUSA, Mayara Calácio de. **Do jornalismo à educação**: a informação jornalística como parte do processo educativo informal – Universidade Federal de Goiás: Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia - Facomb.

RESUMO

Este estudo trata da relação entre a informação jornalística e o processo educativo informal. Aqui, pretende-se analisar a possibilidade de o jornalismo fazer parte de um processo de educação permanente do indivíduo experimentado ao longo de sua vida por outro modo que não seja pela educação formal aplicada pelos métodos da escola moderna. Pretende-se, também, refletir sobre o jornalismo como contextualizador social, que traz à informação jornalística a responsabilidade de transmissão de conhecimento, ora de fontes sociais, ora específico do jornalismo, bem como, em alguns casos, uma nociva desinformação. Com o objetivo de complementar os estudos de caráter teórico-bibliográfico, apresentados nas primeiras partes da monografia, decidiu-se verificar empiricamente se e em que nível os cidadãos adquirem conhecimentos sobre a realidade social a partir da informação jornalística. Para tanto, optou-se pela formação de três grupos focais divididos por níveis distintos de escolaridade, submetidos inicialmente à apresentação de uma edição completa do *Jornal Nacional* da TV Globo e, em seguida, a um questionário sobre o programa. Pondera-se, portanto, como os indivíduos aproveitam socialmente o jornalismo e, ainda, como acrescentam as novas informações no processo educativo informal individual e ininterrupto.

Palavras-chave: Informação; educação; sociedade; conhecimento; jornalismo

SOUSA, Mayara Calácio de. **From journalism to education**: the journalistic information as part of the informal educational process – Universidade Federal de Goiás: Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia - Facomb

ABSTRACT

This study is about the relationship between journalistic information and informal educational process. Here, we intend to examine the possibility of journalism be part of a permanent education process experienced by a person throughout his life out of other means but formal education applied by modern school methods. It is also intended to reflect on the journalism as social contextualizing, which brings to the journalistic information the responsibility of transmission of knowledge, sometimes from social sources, sometimes specific to journalism, as well, in some cases, a harmful misinformation. Aiming to complement the studies of theoretical and literature character presented in the early parts of the paper, we decided to verify empirically whether and in what level the public learns about the social reality from journalistic information. To this end, we opted for organizing three focus groups divided by different levels of schooling, initially submitted to the presentation of a complete edition of *Jornal Nacional*, presented by TV Globo, and then to a questionnaire about the program. It is pondered, therefore, how individuals take a social advantage of journalism, and also how they add new information in the individual, informal and uninterrupted educational process.

Keywords: Information; education; society; knowledge; journalism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. O PROCESSO EDUCATIVO INFORMAL	14
2.1. Educação: extensão de conhecimento X construção de conhecimento	20
3. A COMUNICAÇÃO (SOCIAL) DO JORNALISMO	22
3.1 A informação jornalística como produção e mediação do conhecimento	24
4. DO JORNALISMO A EDUCAÇÃO: ANÁLISE EMPÍRICA DOS DADOS	30
4.1. Metodologia	30
4.2. O jornalismo ligado à necessidade de contextualização social	34
4.3. Quando a informação atinge seu potencial educativo	39
4.4. Limitações: o perigo do jornalismo nocivo ao processo educativo informal	47
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
6. REFERÊNCIAS	59
7. ANEXOS	62

1. INTRODUÇÃO

Os campos educacional e jornalístico pouco são visto harmônica e acopladamente. A maioria dos profissionais do jornalismo sabe ou tem a consciência de que o jornalismo pode trazer mudança de comportamento, auto-reflexão e autonomia aos indivíduos, mas, por uma série de razões, um bom número deles deixa de dar a devida importância à relação entre jornalismo e educação no seu trabalho cotidiano.

Diante da falta de perceptibilidade, e até de aceitação, entre a ponte que reúne os dois campos de conhecimento (educação e jornalismo), é imprescindível uma pesquisa que discuta, entenda e evidencie essa ligação, contribuindo, portanto, tanto para o avanço da área jornalística quanto educacional. Muitos tratam da imprensa como quarto poder, mas poucos entendem que o poder que está inserido na imprensa é a possibilidade de informar educando.

Com a intenção de relacionar as duas áreas, o presente trabalho é movido pela importância de descobrir se a informação jornalística pode fazer parte do processo educativo informal construído pelo indivíduo ao longo de sua vida.

Os objetivos conseqüentes resultam da reflexão que expõe a informação jornalística enquanto forma social de produção e mediação de conhecimento, e que estuda se o jornalismo, ao mesmo tempo em que pode ser estabelecido dentro de um processo educativo pode levar a um desconhecimento ou a uma visão deturpada da realidade social, prejudicando o verdadeiro processo educativo.

O estudo, então, provoca a seguinte pergunta: a prática jornalística é uma prática educativa, ou seja, a informação jornalística pode ser considerada como parte de um processo educativo informal construído pelos indivíduos?

No primeiro momento, o trabalho exporá o que é considerado como processo educativo. Este processo está inserido num esquema abstrato de fluidez de saberes entre pessoas e, por isso, apresenta várias vertentes. A escola, por exemplo, está presente no processo formal de educação, enquanto o processo de aprendizagem contínuo e incidental que se realiza fora do esquema formal e não-formal de ensino, caracteriza o processo educativo informal.

No segundo momento, a pesquisa mostra como o papel do jornalismo está atrelado, dentre

outros fatores, ao desempenho social oferecido por ele, bem como o ato de evidenciar e apresentar fatos que podem ser utilizados como orientação para o indivíduo na sociedade, e a informação como a ferramenta utilizada na prática jornalística para cumprir esse fim.

O conhecimento adquirido pelo indivíduo por meio do jornalismo também é um reflexo da prática jornalística. Há a hipótese de que o jornalismo não só produz de conhecimento, mas também constrói um gênero específico de conhecimento, diferente do conhecimento da ciência e da arte, como também sustenta a hipótese de Adelmo Genro Filho (1987).

O jornalismo como mediador de conhecimento pode ser analisado quando o jornalista produz uma matéria, por exemplo. A prática é reunir os dados e depoimentos que comprovem e expliquem o fato a ser descrito. Assim, todo o processo da prática jornalística como as entrevistas e os dados das pesquisas são fontes de captação de conhecimento, mesmo que para a produção de um novo. Como resultado final, o jornalismo atua como mediação de conhecimento e opiniões de terceiros que utilizaram suas experiências para adquiri-lo.

A pesquisa bibliográfica e a de campo foram as categorias metodológicas utilizadas no trabalho, e a entrevista do tipo semi-estruturada aplicada aos grupos focais a ferramenta da pesquisa de campo. O procedimento metodológico desta pesquisa encontra suas orientações epistêmicas no campo da Teoria Crítica, mas somente quanto aos seus aspectos metodológicos. Isso porque o paradigma crítico, diferentemente do paradigma positivista, não espera que a sociedade seja um ente harmônico, mas uma totalidade contraditória, que só é possível ser compreendida a partir de uma postura crítica do pesquisador, e não uma atitude conformista diante do objeto de estudo. A metodologia de campo se utilizou da pesquisa qualitativa com três grupos focais, em que foram aplicadas entrevistas a esses grupos formados por três pessoas em cada um, totalizando nove membros.

Os grupos foram divididos pelo nível de escolaridade, em que o primeiro reuniu três pessoas que se encontravam no intervalo *sem formação escolar até o 5º ano do ensino fundamental I*; o segundo grupo, pessoas do *6º ano do ensino fundamental II até a conclusão do ensino médio*; por fim, o terceiro grupo formado por pessoas com o *ensino superior concluído*.

Como as pessoas entrevistadas foram escolhidas de acordo com o nível de escolaridade que apresentavam, a pesquisadora leva em consideração e assume que a educação formal

oferecida pelo padrão escolar ainda é a orientação dominante para se saber em que grau de processo educativo se encontra o indivíduo.

Antes da entrevista, a pesquisadora apresentou aos membros dos grupos uma edição completa do telejornal *Jornal Nacional*, da TV Globo, sem as inserções comerciais, do dia 12 de abril de 2010. O objetivo foi relatar quais informações começaram a fazer parte da bagagem de conhecimentos dos entrevistados acerca da realidade social em que vivem. Para esse fim, as perguntas, então, se referiam ao conteúdo do material de vídeo.

A partir da análise empírica dos dados obtidos, foi possível, no terceiro e último momento do estudo, traçar um esquema desde as considerações feitas no campo do jornalismo até o campo da educação. Por isso, uma comparação automática que se faz entre a educação e a comunicação que é feita no jornalismo é o fato de que todas as ações dos indivíduos são, também, práticas educativas, na medida em que acrescentam experiência e conhecimento. Com a comunicação jornalística ocorre algo parecido: o conhecimento produzido pela informação jornalística acaba estando presente, ainda que de forma indireta, nos espaços de interação e aprendizagem individual e social. Nesse sentido, pode-se dizer que a ação do indivíduo de se informar pelo jornalismo é uma ação educativa dupla. Isso porque o simples ato de ler um jornal, por exemplo, é em si um ato que acrescenta experiência e conhecimento e porque o conteúdo dessa leitura (a informação jornalística) é uma forma de conhecimento sobre a realidade social.

Entretanto, a análise concretiza a hipótese de que o jornalismo, ao mesmo tempo em que pode ser aliado ao processo educativo também pode ser nocivo a esse processo. A rapidez da informação sem qualidade, a repetição dos conteúdos, a mecanicidade do processo informativo e a falta de espaço e tempo para informações mais explicativas fazem com que o jornalismo abra lacunas nesses processos em que esclarecimentos podem ser trocados por questionamentos.

Sobre os limites teóricos do trabalho, é importante esclarecer que ele não tem o intuito de trabalhar com conceitos do campo da Educomunicação. Sua relevância está na intenção de evidenciar a estreita relação entre a prática jornalística e a prática educativa. Porém, não será abrangido o uso do jornalismo como instrumento pedagógico em sala de aula.

O trabalho apresentado também não se limitará a algumas interfaces e gêneros da prática jornalística, como jornalismo de serviço ou reportagens mais trabalhadas. A pesquisa levará em

conta a hipótese de que o jornalismo é, em todas as suas práticas e estilos, uma forma de educação, embora possa também “deseducar” em algumas circunstâncias.

2. O PROCESSO EDUCATIVO INFORMAL

Os estudos decorrentes da filosofia da educação fazem uma profunda reflexão sobre os vários níveis que o ato de educar pode atingir, bem como suas distintas conseqüências. Desde o surgimento da filosofia como ciência, a pedagogia se vê intimamente ligada às questões filosóficas, já que os filósofos também discutiam sobre educação.

Houve um momento, porém, na Idade Moderna, em que a pedagogia se despreendeu da filosofia e organizou seu próprio espaço de pesquisa, embora seja inevitável que uma ciência que discuta sobre as indagações propostas pelo “existir humano” não se refira, também, à educação.

Cabe ao filósofo, então, escoltar reflexiva e criticamente a ação pedagógica, de modo que promova acesso “de uma educação assistemática (guiada pelo senso comum) para uma educação sistematizada (alçada ao nível da consciência filosófica)” (SAVIANI, 1980).

Não há como definir objetivos educacionais se não tivermos clareza dos valores que orientam nossa ação. O filósofo deve avaliar os currículos, as técnicas e os métodos para julgar se são adequados ou não aos fins propostos sem cair no tecnicismo [...]. (ARANHA, 2006, p. 66)

As concepções que se tem de como educar e para quê educar dependem, dentre outros objetos, dos resultados de áreas como a antropologia filosófica (o que é o ser humano), da epistemologia (teoria do conhecimento) e da axiologia (reflexão sobre os valores).

Assumindo o importante papel que a filosofia da educação avoca para o eficaz entendimento dos processos educativos, é importante também a manifestação do termo “cultura”, que está diretamente relacionado aos produtos que a educação pode oferecer aos indivíduos, bem como a transferência de valores, costumes e credos.

Sob o interesse dos estudos educacionais, a cultura seria uma criação humana que surge como conseqüência de o homem tentar satisfazer suas necessidades sociais. Os resultados seriam modelos de comportamento, instituições e saberes que só se aperfeiçoariam pela transmissão dos conhecimentos adquiridos de uma geração para outra.

Neste processo cultural, a educação entra como elemento mantenedor da memória de um povo e dá condições para sua sobrevivência material e espiritual. “A educação é, portanto,

fundamental para a socialização e a humanização, com vistas à autonomia e à emancipação” (ARANHA, 2006, p. 67).

Trata-se de um processo que dura a vida toda, com o diferencial de que não é apenas a transferência de elementos culturais, mas um processo que permite mudanças, extrações e somatórias de novos elementos. Por isso, informar, discutir e criar são os verbos que possibilitam a continuidade desse processo cultural. É por este processo cultural que a educação dá abertura a outros meios de transmissão de conhecimentos que não sejam os tradicionais como a escola.

A educação informal é aquela que possibilita transmissão de conhecimentos não pela pedagogia tradicional, mas pelos valores trocados pela família, amigos, atividades de trabalho e de lazer como clubes e teatros e, também, pelos veículos de comunicação como rádio, tevê, jornais, revistas, livros e internet. Esses veículos são chamados de meios de comunicação de massa ou mídia¹.

Para se entender o processo educativo informal, é interessante que se faça uma comparação entre a educação informal e a educação formal. Na educação informal não se tem a clara consciência do que está sendo aprendido, como exemplifica Maria Lúcia de Arruda Aranha (2006):

Por exemplo, para lembrar uma das formas mais primitivas de aprendizagem: antes de começar a falar, a criança é capaz de emitir toda a gama de sons existentes nas diferentes línguas humanas. Ao assimilar a língua materna, seleciona aqueles sons que serão mais usados e, posteriormente, terá dificuldade em emitir os que entraram em desuso [...] O mesmo acontece com os valores transmitidos de pai para filho (ARANHA, 2006, p. 94).

A educação informal, logo, caracteriza-se por ser *não-intencional* ou organizada, mas casual e empírica, exercida pelas convivências de modo espontâneo. Outra comparação que pode ser feita é entre os termos “educação informal” e “educação não-formal”.

Na “educação não-formal” os modelos de aprendizagem não se confundem com a “educação formal”, mas se aproximam pela intenção *explícita* de educar, usando recursos metodológicos para sua realização.

¹ Mídia: este termo foi incorporado na língua portuguesa segundo a pronúncia americanizada do termo latino *media*, que significa “meios”, embora se trate de plural, o termo mídia foi incorporado como singular feminino; como expressão derivada, temos *mass media*, “meios de comunicação de massa” (ARANHA, 2006; 94).

A iniciativa de grupos que se empenham na alfabetização de adultos, de empresas que oferecem cursos de aperfeiçoamento de habilidades para seus empregados, de igrejas que reúnem fiéis para o ensino de religião, de comunidades que preparam jovens para o exercício da cidadania são exemplos de ações educativas não-formais (ARANHA, 2006, p. 94).

Apesar das diferenças, a orientação da educação não-formal é a mesma da orientação informal: a produção do conhecimento ocorre não pela absorção de conteúdos antes sistematizados², mas construído por meio da vivência de algumas “situações-problemas” que são aprimoradas a cada geração.

Por ser resultado de interações sociais, o processo educativo informal também está estreitamente relacionado a termos como “moral”, “cidadania” e “valores”. Assim, não só a epistemologia (teoria do conhecimento), mas a axiologia (estudo dos valores) revela-se de suma importância para entender essa forma específica de educação.

Em grego, o substantivo *axía* significa “preço”, “valor de alguma coisa”, e o adjetivo *axios* é “o que vale”, “que tem valor de”, “digno de”, “justo”. “Na antiguidade grega, além da referência ao preço, o termo dizia respeito, por exemplo, a ‘um homem de valor’, no sentido de ter coragem ou de ser digno de estima” (ARANHA, 2006, p. 171). A partir dessa discussão, o termo “valor” se referia a: um sentido específico sobre o que é bom, que é estimado e também aquilo que deve ser realizado ou que serve para orientação e ação.

Os estudos partidos da axiologia são mergulhados em questões que versam sobre os vários tipos de valor, a sua natureza, se são subjetivos ou universais, relativos ou absolutos. Ao responder o que são valores, o filósofo Garcia Morente (apud ARANHA, 2006) afirma que os valores “não são”, no sentido em que dizem que as coisas “são”:

Os valores não são, mas valem. Uma coisa é valor e outra coisa é ser. Quando dizemos de algo que vale, não dizemos nada do seu ser, mas dizemos que não é indiferente. A não

² Essas importantes noções sobre educação não-formal e informal não contradizem o que já afirmamos e que iremos aprofundar mais adiante sobre o jornalismo como parte do processo de educação informal dos indivíduos. Isso porque, apesar de racionalmente construídos, isto é, de serem sistematizados, os conhecimentos do jornalismo não são transmitidos e absorvidos com os mesmos objetivos e da mesma maneira que o processo educativo formal, de uma sala de aula, por exemplo. E nem o processo de sistematização da informação jornalística obedece à mesma racionalidade do conhecimento científico ou acadêmico-escolar. Como veremos adiante, do ponto de vista do público, o processo educativo propiciado pelo jornalismo é tipicamente informal.

indiferença constitui essa variedade ontológica que contrapõe o valor ao ser. A não indiferença é a essência do valer (ARANHA, 200, p. 118).

O conceito de valor no processo educativo é tão importante que, até a educação formal liderada pelas raízes escolares, se vê no infinito questionamento de que a escola não é apenas técnica e neutra, ou seja, não se compreende a escola fora de um contexto social.

“Ao privilegiar um tipo de conteúdo, a escola não transmite apenas conhecimentos intelectuais por meio de uma prática neutra, mas repassa valores morais, normas de conduta, maneiras de pensar” (ARANHA, 2006, p. 118).

“Por isso que existe a facilidade em afirmar que a educação escolar não é o único modelo de educação. A escola não é o único lugar onde a educação acontece. O ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é seu único praticante” (BRANDÃO, 2005, p. 9).

O autor Carlos Rodrigues Brandão (2005), em sua obra *O que é educação*, faz uma reflexão sobre o processo educativo que se manifesta em tribos indígenas, locais onde não há o menor indício de uma educação formal escolar. Durante a exposição de sua análise, Brandão (2005) afirma que tudo o que existe disponível e criado em uma cultura como conhecimento que se adquire por meio da experiência pessoal com o mundo ou com o outro; tudo o que se aprende de um modo ou de outro faz parte do processo de endoculturação.

Segundo Brandão (2005, p.10), “endoculturação é o processo de aquisição pessoal de saber-crença-e-hábito de uma cultura, que funciona sobre educandos como uma situação pedagógica total, ou seja, aprender através de um envolvimento direto do corpo, da mente e da afetividade, entre as incontáveis situações de relação com a natureza e de trocas entre os homens. A educação é uma fração da experiência endoculturativa”.

“A educação existe quando a mãe corrige o filho para que ele fale direito a língua do grupo, ou quando fala à filha sobre as normas sociais do modo de ‘ser mulher’ naquele grupo indígena” (BRANDÃO, 2005, p. 26). A educação se concretiza sempre que há formas sociais de condução e atitudes de ensinar e aprender.

A Enciclopédia Brasileira de Moral e Civismo que foi editada pelo Ministério de Educação e Cultura resume a definição de educação num processo que se inicia nas origens do ser humano e se estende até a morte. A educação é vista com orientação para o homem, a fim de

fazer com que atinja seu mais alto nível de perfeição social, e não pode ser confundida com o simples crescimento e desenvolvimento humano.

Educação. Do latim “educece”, que significa extrair, tirar, desenvolver. Consiste, essencialmente, na formação do homem de caráter. A educação é um processo vital, para o qual concorrem forças naturais e espirituais, conjugadas pela ação consciente do educador e pela vontade livre do educando. Não pode, pois, ser confundida com o simples desenvolvimento ou crescimento dos seres vivos, nem com a mera adaptação do indivíduo ao meio. É a atividade criadora, que visa a levar o ser humano a realizar suas potencialidades físicas, morais, espirituais e intelectuais. Não se reduz à preparação para fins exclusivamente utilitários, como uma profissão, nem para desenvolvimento de características parciais da personalidade, como um dom artístico, mas abrange o homem integral, em todos os aspectos de seu corpo e de sua alma, ou seja, em toda a extensão de sua vida sensível, espiritual, intelectual, moral, individual, doméstica e social, para lavá-la, regulá-la e aperfeiçoá-la. É processo contínuo, que começa nas origens do ser humano e se estende até a morte. (Ministério da Educação e Cultura *apud* BRANDÃO, 2005, p. 63-64).

E para entender o processo educativo informal que é construído pelo indivíduo, é importante que se leve em consideração os três modelos de educação citados por Mário Kaplún em seu texto *O comunicador popular* (1996).

Os três modelos, porém, não se encontram claramente isolados, mas mesclados entre si e se manifestam em distintas proporções. É possível, mesmo assim, dividir o primeiro grupo em modelos exógenos de educação, nos quais estão os submodelos de educação: um que enfatiza os conteúdos e um que enfatiza os efeitos. O segundo grupo chama-se de modelos endógenos a educação e enfatiza o processo.

A diferença básica entre os dois grupos é que, no modelo exógeno, tem-se o educando como objeto de educação. Já no modelo endógeno, o educando é o sujeito da educação, ou seja, o “processo individual do educando é o mais importante.

“Entre os dois submodelos de educação exógena, a educação que dá ênfase aos conteúdos corresponde à chamada educação tradicional, baseada na transmissão de conhecimentos e valores de uma geração a outra, do professor ao aluno, da elite instruída às massas ignorantes” (KAPLÚN, 1996).

Já a educação exógena que dá ênfase aos efeitos corresponde à chamada “engenharia do comportamento” e consiste essencialmente em “moldar” a conduta das pessoas com objetivos

previamente estabelecidos.

Finalmente, e no ponto que se quer chegar, entende-se por educação endógena que dá ênfase ao processo:

Aquela que destaca a importância do processo de transformação da pessoa e das comunidades. Não se preocupa tanto com os conteúdos a serem comunicados nem com os efeitos em termos de comportamento, quanto com a interação dialética entre as pessoas e sua realidade; com o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais e de sua consciência social (KAPLÚN, 1996).

Enfatizar no processo significa ver a educação como um processo permanente em que o ser humano vai descobrindo, elaborando, reinventando e, conseqüentemente, fazendo seu próprio conhecimento. A partir da realidade, de experiências, de prática social junto aos outros indivíduos, é possível praticar o processo educativo de ação-reflexão-ação. Assim, os homens se educam entre si mediados pelo mundo.

Esse modelo de educação endógena que tem ênfase no processo é o modelo pedagógico que Paulo Freire chama de “educação libertadora” ou “transformadora”. Os educadores adeptos a esse modelo nascido na América Latina entendem a educação como ferramenta de libertação das classes subalternas e um instrumento para transformação da realidade.

“O que chama mais atenção neste processo é que o homem é livre para ser educado pelo conteúdo que escolher. Isso, necessariamente pela exigência dos objetivos, faz com que o educando tenha cada vez mais opções sobre seus conteúdos” (KAPLÚN, 1996).

Essa constante “perseguição” que os modelos educativos, principalmente o informal que depende de relações sociais para se manifestar, fazem em torno do mundo é mais uma prova de que a educação é fruto da sociedade, e como a sociedade, está em constante renovação.

Dentro da sociedade, então, é possível afirmar que a educação informal tem como suporte de seu processo “as experiências culturais, as possibilidades técnicas e tecnológicas e um espaço educativo deslocalizado, em que são produzidos conhecimentos e informações” (KAPLÚN, 1996).

2.1. Educação: extensão de conhecimento *versus* construção de conhecimento

Dentro do espaço educativo que é desenvolvido por essas vivências sociais, podendo ser chamado de espaço educativo deslocalizado, tem-se o conhecimento “novo” transmitido por várias dessas “pontes” utilizadas pela educação informal. Paulo Freire³, em um dado momento, define o conhecimento como algo que não pode ser estático, concluído ou finalizado:

Por exemplo, tomo o conhecimento científico existente sobre os cigarros, mas separo-o do conhecimento a ser criado em torno dele. Assumir assim um conhecimento existente como algo concluído, me leva a assumir uma posição e dividir também a sociedade entre os que possuem este conhecimento e os que não o possuem (FREIRE, 2003, p. 61).

Paulo Freire (2006) admite que a teoria do conhecimento é necessariamente utilizada na prática educativa, ou seja, a educação está condicionada pela epistemologia. Mas o autor esclarece que há uma tendência em achar que toda prática educativa requer diferentes níveis de conhecimento da parte do educador e do educando, assim: o educador possui um conhecimento existente que o outro não possui. Então, a prática educativa consistiria em transferir para o educando o conhecimento que o educador conhece, porque simplesmente o educando não o conhece.

Para Paulo Freire (2006), essa afirmativa não deixa de ser verdadeira em alguns momentos, mas reflete uma percepção tipicamente dominante e corresponde a uma sociedade de classes. Por isso, é preciso distinguir o conhecimento já existente do ato de conhecer o novo, de modo que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção.

A prática educativa informal, assim como as demais retratadas aqui, é a prática que trabalha com o novo conhecer, embora não exista um conhecimento que tenha sido construído do nível zero de conhecimento. “Não há nenhum conhecimento existente que antes não existia, e sim uma orientação para que ele se construísse. O primeiro conhecimento precisa de outro que o substitua” (FREIRE, 2003, p. 62). Todo conhecimento existente está esperando para ser superado.

E é a partir desse momento que Paulo Freire afirma não ser possível separar aqueles que

³ TORRES, CARLOS ALBERTO. Diálogo com Paulo Freire. 3ª Ed. Coleção Paulo Freire. Maio de 2003.

sabem daqueles que não sabem, transformando os primeiros em proprietários de um conhecimento existente a ser transferido para aqueles que não sabem.

Todos são proprietários de conhecimento, e o “novo conhecer” vem por meio da comunhão, e a comunhão pode ser estabelecida, dentre outras fontes, pela educação informal transmitida pela família, amigos, grupos sociais ou veículos de comunicação. Essa inclusão dos veículos de comunicação no processo de educação informal será tratada mais adiante.

Por isso, no campo educacional, ensinar não pode ser um verbo que designe a transferência de um conhecimento, mas a criação de possibilidades para uma própria produção ou construção de conhecimentos.

Falar de educação, então, é falar de respeito aos saberes dos educandos. Isso fica claro quando se faz um estudo sobre a prática educativa escolar exercida nas classes mais populares. Nelas, são bem explícitos aqueles saberes que foram socialmente construídos na prática comunitária, o que aqui chamamos de saberes adquiridos pela prática educativa informal, que é individual e ininterrupta. E é preciso respeitar esse saber, e mais, utilizá-lo a favor de uma educação concreta:

Isso eu venho sugerindo há mais de trinta anos. Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde da gente? Por que não estabelecer uma necessária ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? (FREIRE, 1996, p. 34)

É esse papel que o jornalismo se propõe: ser uma ponte que possa levar discussões das questões sociais e, da mesma forma que leva informação, acrescenta nos saberes populares a que Paulo Freire se refere. Assim, o jornalismo acaba se constituindo em instrumento de uma prática educativa informal, e a ponte ligaria, então, o público e o jornalismo, ambos com seus ensinamentos e aprendizados, um dependendo do outro e um alimentando o outro.

3. A COMUNICAÇÃO (SOCIAL) DO JORNALISMO

A partir dos anos 1960, nota-se como esse papel do jornalismo citado no capítulo anterior é trabalhado de maneiras distintas por quem faz, recebe e ensina o jornalismo. Atualmente, o jornalismo é construído pelo imediatismo que a realidade propõe, fazendo com que a estética social da prática jornalística se torne preocupação secundária. Cabem, aqui, os questionamentos de Sfreddo (1997), em um de seus ensaios:

Até que ponto o trabalho que desempenhamos como comunicadores – lembrem, a comunicação é social – tem servido de olhos, ouvidos e voz para fazer com que os cidadãos reflitam a ponto de almejar uma mudança real e definitiva para as futuras gerações. De novo vale perguntar qual o nosso papel nesse contexto (SFREDDO, 1997 apud, VICCHIATTI, 2005).

A atividade jornalística denominada de ‘imediateza’ é aquela cujo ritmo acelerado de sua periodicidade, e com intervalos curtos, força os veículos de comunicação a transmitirem informações recortadas, em que o importante é o *lide*⁴ de uma história, essa que não começa quando surge a notícia, mas por um longo contexto social dos indivíduos envolvidos na mensagem.

Como resultado tem-se informações jornalísticas com novos acontecimentos, mas informações circundadas de questionamentos que se formam logo após o consumo destas notícias, e que podem não ser respondidos, devido às questões estruturais do jornalismo e, por vezes, das organizações jornalísticas – especialmente os limites de tempo, de espaço, de quantidade de jornalistas, de equipamentos e de transporte.

A incerteza de o jornalismo responder ou não todos os questionamentos que compõem a informação se concretiza em uma das especificidades do conhecimento jornalístico, que é o de ser um conhecimento processual. O ato jornalístico é um processo e algo que não se esclarece nas

⁴ Lide: é o primeiro parágrafo da notícia em jornalismo impresso, embora possa haver outros lides em seu corpo. Corresponde à primeira proposição de uma notícia radiofônica, ao texto lido pelo apresentador ou à deixa do apresentador ou a cabeça do repórter (quando ele aparece falando) no início de uma notícia em televisão. Quanto ao conteúdo, o lide é o relato do fato principal de uma série, o que é mais importante ou mais interessante (LAGE, 2006, p. 29).

notícias da edição de hoje pode ser esclarecido amanhã. O conhecimento produzido pela informação jornalística não tem a mesma profundidade do conhecimento científico, este fruto de uma prática que exige observação e interpretação sistemáticas e generalização das conclusões.

Obviamente, segundo Adelmo (1987), não é com essa justificativa que o jornalismo está autorizado a ser superficial, deixando no ar questões fundamentais para o entendimento mínimo dos fenômenos noticiados. Mas muitas questões não serão respondidas porque, pela própria natureza do jornalismo, a necessidade de tratar de vários assuntos durante um dia é muito maior do que a necessidade de que apenas um deles seja totalmente esclarecido. O jornal diário é um mosaico de assuntos, todos passíveis de aprofundamento pela ciência. Já uma tese científica é um poço de profundidade sobre um só tema.

“Se, de um lado, existe um jornalismo em que a informação é estruturada mecanicamente e tratada como mercadoria – e como qualquer mercadoria, adapta-se às leis do mercado” (FIGUEIRA, 2000 apud VICCHIATTI, 2005), existe, do outro, o jornalismo que tem como perspectiva e aceitação a visão social imperando acima das formas mecânicas que se têm aprendido.

A principal crítica que se faz ao tipo de jornalismo que tem a ‘neutralidade’ como base fundamental de sua prática é o fato de que quem se atém ao aspecto ‘imparcialidade’ acaba se distanciando significativamente da informação para poder transmiti-la com objetividade e ética profissional.

Diante das possibilidades sociais que o jornalismo se vê estimulado, os profissionais da área também se tornam multifacetados frente às possibilidades e responsabilidades que podem adotar pela atividade jornalística.

“É possível, também, atribuir ao jornalista o papel de mediador. A mediação em uma sociedade democrática é, na verdade, a tarefa de facilitar a mútua comunicação entre os diferentes grupos da sociedade” (KUNCZKI, 2002, p.98).

O que uma sociedade democrática precisa é de jornalistas que queiram ser, antes de tudo, mediadores, que não adotem a atitude demagógica para com a sociedade nem desejem “preparar”, manipular ou guiar as pessoas, mas que tenham o objetivo de possibilitar o diálogo [...] (LANGENBUCHER E MAHLE, 1974 apud MICHAEL KUNCZIK, 2002: 101).

Diante da possibilidade de uma atividade jornalística que não apenas informa, como se o jornalista se limitasse à tradução engessada dos acontecimentos que circulam na sociedade, mas faz mediação das diferentes formas de conhecimento nas diferentes esferas da sociedade é possível encontrar, aqui, o jornalista mais próximo do professor.

A conjectura que atribui aos jornalistas o sinônimo de “professores sociais” se atém ao fato de que eles detêm mais informações pela justificativa de que os jornalistas existem para este fim: o de correr atrás de informações, o que implica numa vantagem educacional. Embora muitos não concordem com a afirmação, “essa suposição é inevitável, porque o exercício de uma função educativa pressupõe uma vantagem educacional” (KUNCZIK, 2002, p. 101).

Em todos os casos, o jornalismo é enquadrado na área da comunicação social como o principal meio de diálogo com os indivíduos, e chama-se de jornalista pleno aquele que, segundo Carrato (1998 apud VICCHIATTI, 2005, p. 51), “seja o profissional capaz de trabalhar várias mídias e linguagens, atento às exigências da qualidade, da ética e da cidadania”.

José Marques de Melo (2009), quando questionado sobre o verdadeiro papel do jornalista, afirma que muitos profissionais, principalmente os recém-formados, se perdem à falsa obrigação imposta no jornalismo de ser um ponto revolucionário na sociedade. Mas não é bem assim:

Não cabe ao jornalista revolucionar a sociedade, mas noticiar ou comentar as expressões da sociedade ou a “voz do povo”. O jornalista é um mediador social, um agente do interesse público. Quando ele se arvora em protagonista dos acontecimentos, perde a legitimidade, a credibilidade. Os jornalistas recém-formados devem revolucionar os processos jornalísticos, sendo cada vez melhores intérpretes das demandas cognitivas da sociedade. Sua luta deve ser canalizada para criar novos gêneros, formas e tipos jornalísticos que elevem o nível cultural da sociedade, e para forjar cidadãos conscientes dos valores da democracia, cidadania, solidariedade, justiça, equidade (MELO, 2009, p. 98).

3.1. A informação jornalística como mediação e produção de um novo conhecimento

Os estudos do campo da sociologia do conhecimento no século XX, chamada de “nova sociologia”, são utilizados neste estudo pela possibilidade de o jornalismo se enquadrar em uma ou várias das classes de conhecimentos representados pelos “sistemas cognitivos”.

Os sistemas cognitivos são classificados pelas diferentes hierarquias de “conhecimento”, associadas às diferentes “acentuações das formas” dessas classes. Nessas classes, as estruturas sociais como quadros sociais são indispensavelmente levadas em consideração, já que o saber está em encadeamentos funcionais e, assim, como sistema cognitivo. “Ele se relaciona com as demais obras de civilização como a moral, a educação, o direito, e desempenha papel de argamassa dos elementos estruturais (controles sociais)” (LUMIER, 2006, p. 35).

As estruturas sociais, então, são o ponto de partida da sociologia do conhecimento que:

[...] vai das classes (do conhecimento) mais espontaneamente implicadas na realidade social para aquelas mais implicadas na engrenagem das estruturas sociais e permite assinalar as diferenças nas fases por que passam os sujeitos sociais para se constituírem como tais, isto é, para afirmarem como intermediários e se objetivarem nos quadros sociais (LUMIER, 2006, p. 36).

O conhecimento perceptivo citado acima é a particularidade de sua construção. Ele é adquirido pela observação do mundo exterior. Já outros conhecimentos como o conhecimento do outro e do senso comum têm uma funcionalidade particular, embora seja inspirado por temas coletivos, importando com o “nós”, “grupos” e sociedades, ou seja, pelo conhecimento perceptivo do mundo exterior.

Em outra classe (lembrando que as classes foram estabelecidas pelo nível de necessidade que a construção do conhecimento estabelece com as estruturas sociais), encontra-se o conhecimento técnico, o político, o científico e o conhecimento filosófico.

Esses conhecimentos também são adquiridos de forma particular. A diferença é que precisam se orientar não só pelos quadros sociais, mas por quadros de referências, que “exigem interpretações das funções e, portanto, servem à marcha dos temas coletivos preferencialmente lá onde se atualiza a tomada de consciência em suas conceituações e simbolizações” (LUMIER, 2006, p. 35).

Isso significa que, enquanto a primeira classe de conhecimento considera o “nós”, “grupos” e “sociedades” e tenha o conhecimento perceptivo do mundo exterior como referência, neste segundo grupo, os temas coletivos também são os responsáveis pela construção do conhecimento, mas com a perspectiva de luta pela tomada de consciência coletiva, em que os sujeitos são mais abrangentes, “massas”, “comunidades”, “Estado”, “Igreja”, ou seja, aqui, os

quadros sociais são as classes sociais que se conhece hoje.

Assim, atribui-se aos meios de comunicação a função de facilitar a comunicação e, conseqüentemente, a mediação dos vários conhecimentos adquiridos, produzidos e utilizados pelos indivíduos sociais, embora não sejam todas as práticas comunicativas dos meios que possibilitam isso. De forma profunda e sistemática, o jornalismo é o principal mantenedor dessa função dentro dos meios de comunicação.

Por isso, quando se fala na informação jornalística como mediação de conhecimento, trata-se de um jornalismo que aceita a empreitada de servir como divulgador de outros conhecimentos previamente estabelecidos pela sociedade.

Na verdade, quando se faz jornalismo, se fala também da impossibilidade de escapar dessa função de mediação do conhecimento. Isso se dá pelo fato de que o próprio jornalismo tem como matéria-prima conhecimentos de terceiros que foram encontrados na esfera pública e serão futuramente organizados em um texto.

A mediação jornalística é mediação da realidade social. Baseia-se, principalmente, em mediação do conhecimento alheio e das opiniões alheias. Mas o jornalismo também é produtor autônomo de um conhecimento original, produzido por ele próprio por meio de um eficiente e racional método de investigação dos fatos. É racional como a ciência, divide com ela alguns padrões e valores, mas é diferente em outros procedimentos e métodos, e menos profundo no conhecimento sobre cada objeto, embora seja muito mais amplo na diversidade de conhecimentos.

Em se tratando desse novo conhecimento que a comunicação social, em especial o jornalismo produz, existe uma diferença em relação a outros conhecimentos. Segundo Adelmo Genro Filho (1987), aqui, “não se trata de um novo ‘grau’ de conhecimento, mas um novo ‘gênero’ de conhecimento que o jornalismo é capaz de produzir e compartilhar por meio das ferramentas da tecnologia da informação”.

Sobre esse pensamento, Genro Filho (1987) enfatiza que o aspecto central desse “gênero de conhecimento” é a apropriação do real pela via da singularidade, pela reconstituição da integridade de sua dimensão fenomênica. “Não é simplesmente uma espécie de conhecimento que faz cada um de nós sentir-se à vontade no mundo que escolheu ou no qual está condenado a

viver” (GENRO FILHO, 1987).

Enquanto se tratar da relação imediata dos indivíduos com os fenômenos que povoam o cotidiano, da experiência sem intermediação técnica ou racional instituída sistematicamente, o que temos é realmente a percepção tal como a psicologia a descreve. Quer dizer, um grau determinado de conhecimento, apenas um nível de abstração elementar (GENRO FILHO, 1987).

Essa dimensão fenomênica de que se trata é a percepção imediata dos fatos tal como se apresentam ao olhar do jornalista (primeira impressão). Mas como o jornalismo é o resultado de todo um processo técnico e racional que envolve uma reprodução simbólica, os fenômenos são reconsiderados e rerepresentados em forma de um novo produto (a notícia e as reportagens), racionalmente construído, inclusive com o uso das várias linguagens possíveis ao jornalismo, respeitando as diferenças de cada veículo.

Genro Filho entende o jornalismo como uma forma singular de conhecimento, diferente da arte (dimensão particular do conhecimento) e da ciência ou filosofia (dimensão universal ou total do conhecimento). Para chegar a esse conceito de jornalismo, como se vê, ele utiliza o método dialético de conhecimento, que se baseia na relação entre as três dimensões da realidade: o singular (ou específico), o particular (ou típico) e o universal (ou total). Além de estarem presentes em todas as coisas do universo, justifica o autor (2007), a propriedade da dialética faz com que se relacionem em dois movimentos: 1) cada uma das dimensões contém e está contida nas demais; 2) em cada momento ou circunstância da realidade, uma das dimensões se sobrepõe e as outras duas estão latentes, mas num movimento que nunca é estático, pois a cada momento poderá haver mudança de predomínio.

Segundo Genro Filho (2007) ao jornalismo corresponde a dimensão do singular, à arte a do particular e à ciência a do universal/total. O jornalismo é uma forma de conhecimento baseada no singular porque ele é racional, como a ciência, mas se fixa na imediatez, na efemeridade, na superfície, isto é, na singularidade dos fenômenos. Nem por isso, deixa de ser conhecimento. Em primeiro lugar, porque até o senso comum, que não se baseia em método racional, é um determinado tipo de conhecimento. Em segundo lugar, por causa das propriedades da dialética acima mencionadas. No caso do jornalismo, é a dimensão singular (efêmera, ainda não

aprofundada pela ciência ou filosofia, por exemplo) que está em relevo, enquanto os conhecimentos típicos da arte (dimensão particular) e da ciência ou da filosofia (dimensão totalizante, universalizante) estão latentes.

Além disso, o jornalismo é uma forma de conhecimento porque contém e está contida nas demais formas, ou nas demais dimensões, do conhecimento. Isso significa que uma notícia/informação sobre meio ambiente, por exemplo, não é ciência, mas é um conhecimento que se integra ou está contido no conjunto dos conhecimentos sobre meio ambiente, inclusive os científico-filosóficos (dimensão totalizante/universalizante). Ao mesmo tempo, ela contém, ou se baseia, em partes desse conhecimento, e pode ser utilizada por um cientista para compor o conjunto da sua tese, ou seja, um conhecimento não mais efêmero, mas concreto, pensado, universal/total.

Portanto, na formulação de Genro Filho, o jornalismo se presta não só à alienação ou massificação da sociedade, embora se caracterize por isso majoritariamente, segundo o seu entendimento, não por uma questão de essência da atividade, mas uma espécie de desvio da sua natureza. Mas, sendo ele próprio (o jornalismo) uma realidade contraditória, também se presta à emancipação. E é por isso que as suas concepções estão sendo adotadas em conjunto com as formulações de Paulo Freire, que entende a educação como um processo de emancipação.

Já Eduardo Meditsch (2001, p. 241) considera “mais produtivo e mais exato considerar o jornalismo por enquadrar a realidade pelo ângulo do singular, as ciências no ângulo do particular e a filosofia no ângulo do universal”. Para este autor, que concorda e defende as linhas gerais da tese de Genro Filho, a arte pode ser desconsiderada neste raciocínio porque não contribui para a comparação entre as retóricas **referenciais** (Idem, grifo nosso).

Para Meditsch (1997), a questão do jornalismo como forma de conhecimento é complexa. “O jornalismo não revela mal nem revela menos a realidade do que a ciência: ele simplesmente revela diferente” (MEDITSCH, 1997). Aqui, o autor leva em consideração os estudos do Genro Filho (1987), visto anteriormente, em que o jornalismo não apenas reproduz o conhecimento que ele próprio produz, reproduz também o conhecimento produzido por outras instituições sociais. “A hipótese de que ocorra uma reprodução do conhecimento, mais complexa do que a sua simples transmissão, ajuda a entender melhor o papel do Jornalismo no processo de cognição

social” (MEDITSCH, 1997). O sentido da palavra “reprodução” no texto desses dois autores é o de *re-produzir, re-trabalhar* ((produzir e trabalhar nova e diferentemente) e não simplesmente no sentido de copiar e transmitir a cópia.

4. DO JORNALISMO A EDUCAÇÃO: ANÁLISE EMPÍRICA DOS DADOS

A presente pesquisa tem por desígnio encontrar relações entre a informação jornalística e a prática educativa informal, procurando verificar se é possível entendermos e interpretarmos o jornalismo como parte de um processo educativo informal construído pelos indivíduos permanentemente.

Para tanto, o procedimento metodológico desta pesquisa encontra parte das suas orientações epistêmicas no campo da Teoria Crítica, mas não serão adotadas aqui as conclusões de vários dos estudos teóricos dessa corrente porque os seus pesquisadores acabaram contrariando sua própria matriz metodológica, a dialética marxista, não considerando as possibilidades críticas das “massas” e as especificidades dos diferentes produtos ou formas de comunicação que inseriram de forma absolutamente idêntica no seu conceito de indústria cultural e de meios de comunicação de massa.

Nesse sentido, será adotado o método de Adelmo Genro Filho (1987), que, apesar de também se basear no método marxista, especialmente na reformulação do conceito hegeliano de dialética feita por Marx e Engels aponta esse erro da Teoria Crítica e propõe o estudo do jornalismo considerando a sua especificidade dentro do conjunto entendido genericamente por comunicação social (ou de massa) e da indústria cultural.

4.1. Metodologia

A metodologia traçada neste trabalho procura encontrar no estudo teórico/bibliográfico os pressupostos implícitos relacionados ao objeto em análise. Assim, o estudo bibliográfico está sendo usado para situar a “identidade social da prática jornalística” com os campos teóricos do “processo educativo informal”, de forma a apresentar definições, conceitos e categorias que contribuam para eficiência da pesquisa.

A pesquisa de campo de caráter qualitativo será utilizada com objetivo de encontrar relações entre a informação jornalística e o processo educativo construído pelos indivíduos. A ferramenta do trabalho de campo será a entrevista do tipo semi-aberta, já que ela oferece um

campo aberto de interrogativas, embora apresente um roteiro que direcione a questão-chave da pesquisa. Foram aplicadas entrevistas do tipo semi-abertas em três grupos focais diferenciados pelo nível escolar, contendo em cada grupo um total de três entrevistados.

Grupos focais são um tipo de pesquisa qualitativa criada em 1941 por Paul Lazarsfeld e Robert Merton (considerado o pai do Grupo Focal) que tem como objetivo perceber quais são as características valorativas e normativas de um grupo em particular. Criado pelo campo das Ciências Sociais, o objetivo dessa pesquisa é o de identificar tendências e desvendar problemas, ressaltando a técnica de que o objetivo não é interferir tais aspectos, mas tentar compreendê-los.

Embora os resultados das entrevistas coletadas nos grupos focais pareçam simples, a complexidade e riqueza deles aumentam na medida em que a pesquisadora se aprofunda em leituras que estudam os principais pontos das respostas obtidas. Autores da área de comunicação costumam usar o Grupo Focal como possibilidade de ampliar e aprofundar a análise da cultura na estrutura de comunicação de massa, referenciando trabalhos na área.

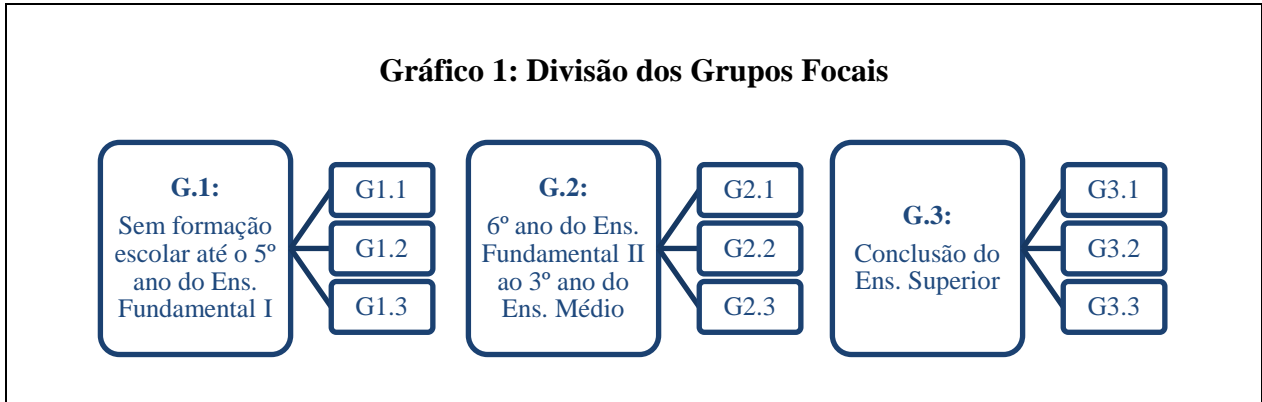
Riccio (2003), em sua tese sobre o programa do Ratinho, usou a investigação qualitativa que permitiu identificar a satisfação e a percepção que produtos culturais, como programas de TV, revistas, seriados, textos populares, provocam no receptor desses conteúdos. A metodologia focada nesse tipo de produto é conduzida de forma um pouco diferente, na medida em que, ao início da condição do grupo, é necessário expor os participantes à peça de comunicação alvo da análise para se assegurar homogeneidade de impacto (DUARTE, 2010, p. 182).

Sobre as vantagens de se usar o Grupo Focal está a possibilidade de interação entre o pesquisador e o entrevistado, o que muito enriquece as respostas obtidas, não podendo ser descartada, inclusive, a linguagem não-verbal que ocorre durante a entrevista.

“O grupo focal é altamente recomendável quando se quer ouvir as pessoas, explorar temas de interesse em que a troca de impressões enriquece o produto esperado e quando se quer aprofundar o conhecimento do tema” (DUARTE, 2010, p. 183).

No caso do trabalho aqui apresentado, os grupos focais de pessoas (ao todo foram nove pessoas entrevistadas, três em cada grupo) escolhidas pelo nível de escolaridade foram preenchidos de acordo com os critérios **G1)** *G1.1; G1.2; G1.3 - sem formação escolar até o 5º ano do ensino fundamental I; G2)* *G.2.1; G2.2; G2.3 - 6º ano do nível fundamental II até*

conclusão do 3º ano do ensino médio; **G3**) G3.1; G3.2; G3.3 - conclusão do ensino superior, como mostra a ilustração a seguir:



Quadro 1: Gráfico representativo da divisão dos grupos focais pesquisados para o presente trabalho.

As entrevistas aplicadas às pessoas com diferentes níveis de escolaridade convieram para interpretar como a informação jornalística é inserida no processo educativo individual por aqueles que se encontram em diferentes níveis “de construção do processo educativo”, mesmo que estes níveis tenham sido escolhidos com base na educação formal.

Entende-se, então, que em cada caso há um diferente grau de “processo educativo construído pelos indivíduos”, mesmo que a fonte do conhecimento construído e adquirido tenha sido o modelo de educação formal por meio da instituição escolar.

É imprescindível esclarecer que, embora a presente pesquisa seja estabelecida pela relação que se pretendeu encontrar entre o jornalismo e a educação “informal”, o critério para escolha dos grupos focais está acoplado à educação formal pelo fato de que é por meio do recebimento da educação formal que o jornalismo, pela educação informal, faz ser entendido e apreendido pelo indivíduo.

E isso se confirmou na pesquisa. Os indivíduos que possuem um maior nível de escolaridade conseguem extrair do jornalismo um maior número de conhecimentos, e de melhor qualidade, e somá-lo ao processo educativo pessoal informal.

É admissível, no entanto, que estimar em que nível do processo educativo informal está cada indivíduo por meio do seu nível de escolaridade seja, no mínimo, arriscado. Entende-se por processo educativo informal individual o conhecimento e valores adquiridos e construídos de

forma personalizada oferecidos por fontes não-formais de educação, como família, amigos, veículos de comunicação e tudo aquilo que se manifesta por relações sociais. Porém, o que se pretendeu foi usar o nível de escolaridade desses indivíduos como uma ferramenta de orientação para que a pesquisadora pudesse estimar em que grau do processo educativo informal os entrevistados se encontram.

No entanto, a opção que pareceu mais adequada para a presente pesquisa foi a divisão dos grupos focais em três faixas mais fluidas do que os tradicionais níveis do ensino formal. O primeiro grupo foi formado por membros analfabetos à primeira fase do ensino fundamental (aqui o quinto ano), o segundo, por pessoas que estão entre o 6º ano do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio e o terceiro, por pessoas com o curso superior concluído. Esta também não é uma classificação absolutamente precisa, mas entendeu-se que os níveis de processamento das informações recebidas dos veículos jornalísticos são diferentes dos estágios do ensino formal.

Segundo o entendimento aqui desenvolvido, desprezando o meio impresso, obviamente, porque exige capacidade de leitura, praticamente não há diferença na forma de recepção das informações jornalísticas, por exemplo, entre um adulto analfabeto e um adulto pouco escolarizado. Mas esse grupo se distingue de outro que, já a partir do quinto ou sexto ano do ensino fundamental (aqui foi adotado o sexto), mergulha num nível mais aprofundado de conhecimentos e desenvolvimento do raciocínio, um nível que se mantém, para o básico aqui analisado, mais ou menos o mesmo até o fim do ensino médio. Já as pessoas que concluíram o ensino superior se distinguem dos demais por uma série de fatores, a começar pelo próprio ambiente acadêmico universitário, que tende a propiciar um processo de amadurecimento maior do ser humano, sem falar dos conhecimentos adquiridos e do desenvolvimento crítico tendencialmente envolvido.

É fato que a limitação da pesquisa está justificada na relatividade com que os resultados de qualquer pesquisa do campo das ciências sociais aplicadas estão submetidos, apresentando dados carregados de implicações, mas que, naturalmente, são sinônimos que fazem parte deles.

Antes da aplicação das entrevistas, a pesquisadora apresentou aos entrevistados uma edição completa do telejornal *Jornal Nacional*, da TV Globo, sem as inserções comerciais, do dia 12 de abril de 2010. O objetivo foi de examinar quais informações foram absorvidas e

começaram, a partir daquele momento, a fazer parte do processo educativo de cada indivíduo. Por isso, as perguntas das entrevistas se referiam ao conteúdo do material de vídeo.

A escolha do telejornal se justifica sob as considerações da autora Ana Carolina Temer (2002), que analisou, durante pesquisa, o conteúdo dos principais telejornais da Rede Globo de Televisão. A periodicidade, a repetição de tipos, assuntos, formatos e abordagens foram observadas, bem como as características determinantes da mensagem, como a veracidade e a intenção do discurso ou suas contradições e falhas.

Na pesquisa citada, o Jornal Nacional aparece com a característica de ser o telejornal com o maior número de matérias por edição. “O número alto e a variedade da abrangência das matérias refletem a necessidade de esse telejornal estar em toda parte, saber de tudo” (TEMER, 2002, p. 123). As matérias do tipo “serviço” foram predominantes na análise.

Sobre a justificativa de se ter usado o material jornalístico oferecido por meio da televisão, e não do rádio ou jornal impresso, cabe a reflexão de Temer (2002) quando afirma que, na sociedade brasileira, a televisão emerge como a principal fonte de representação social e política.

Apesar de cada veículo de comunicação ter sua vantagem, a televisão se sobressai pelo fato de não excluir os analfabetos e ter a imagem associada ao som, o que facilita na concentração para absorção do conteúdo.

4.2. O jornalismo ligado à necessidade de contextualização social

Seguindo a lógica, a tendência é que, num futuro próximo, a imprensa descubra um jornalismo cada vez mais ligado às questões éticas. As relações internacionais, econômicas e com a natureza serão desafios para uma imprensa que estará apta a responder questões que norteiem o indivíduo social de forma ética e humana. “Qualquer jornalista que merece seu salário sabe que a verdadeira notícia, hoje, é definir o que tem valor humano. Esta é a maior notícia – não só da década, mas do século” (MOYERS⁵, 1994 *apud* AVELINE, 2001, p. 22).

Quando se fala na “imprensa que precisa se encontrar”, está implícita a necessidade que o

⁵ Bill Moyers é um famoso entrevistador da televisão norte-americana (AVELINE, 2001).

jornalismo acarreta de usar corretamente a ferramenta que lhe é outorgada: a informação. “Informação é conhecimento, e o problema de fundo é o que fazemos com o conhecimento: se usamos para viver melhor ou caímos no erro e na preguiça” (AVELINE, 2001, p. 75).

Sobre esse aspecto, os dados obtidos na pesquisa aqui apresentada servem como um “fortalecimento empírico”. O resultado que se obteve foi de um jornalismo encarado como um importante aliado para a vida, assumindo a função de “contextualizador social”, ou seja, ele apresenta ao indivíduo fatores que são usados como instrumentos de situação na sociedade, como expõe o gráfico a seguir:



Quadro 2: gráfico representativo dos resultados da pesquisa qualitativa

Ao analisar empiricamente as respostas obtidas, nota-se que a expressiva maioria representada por 89% dos entrevistados confirmaram que julgam o jornalismo importante porque é por meio dele que conseguem saber o que está acontecendo no mundo e adquirem sabedoria para lidar com o dia a dia.

Apenas 11% dos entrevistados afirmaram que o jornalismo não é importante para sua vida, alegando ver nele apenas as imperfeições sociais muitas vezes representadas pela violência e corrupção. Porém, aqui há um dado curioso que nos remete a uma necessária ressalva em relação ao dado frio das respostas: a afirmação de não achar o jornalismo importante com a justificativa de que ele mostra apenas as imperfeições sociais reforça ainda mais sua relevância

(do jornalismo). Quem mostra para esses 11% as imperfeições da sociedade? Qual é a fonte deste conhecimento, o de que a sociedade é imperfeita, violenta e corrupta, identificada pelos próprios entrevistados? O jornalismo. E isso contraria as respostas espontâneas.

Esses 11% por cento aprenderam tanto com a imprensa que souberam até dar detalhes: a sociedade é imperfeita, a sociedade é violenta e a sociedade é corrupta. O motivo de julgarem que não aprendem, ou de se desinteressarem, pelo jornalismo talvez seja o fato de haver excesso de informações (conhecimento) sobre os lados sombrios da sociedade. E isso muitas vezes é apontado como uma característica negativa do jornalismo, que pode levar o público, inclusive, a generalizar equivocadamente esse aspecto para a sociedade como um todo, resultando num conhecimento pelo menos parcialmente distorcido dessa sociedade.

Mas, ao contrário do que revelam os números, o teor das justificativas prova que este grupo ficou conhecendo determinado aspecto da realidade social pela imprensa. A discrepância entre a resposta (o jornalismo não é importante) e a justificativa (veem nele apenas as imperfeições da sociedade, entre as quais a violência e a corrupção) se deve a uma confusão entre o gosto ou não por essa realidade dada ao conhecimento dos entrevistados e a importância do jornalismo como instrumento de acesso a esse conhecimento. O fato de não gostarem das imperfeições da sociedade não significa que as notícias sobre essas imperfeições não sejam um conhecimento sobre a realidade e que não sejam, portanto, importantes.

Com os resultados, ficou claro, então, que, genericamente, o jornalismo é a *lâmpada para os pés a bússola* do indivíduo social. Por isso que *o pai não permite conversa na sala de TV na hora do Jornal Nacional*.

Para os 89% que consideram o jornalismo como importante ferramenta social, foi possível tomar nota da expressiva intenção que os indivíduos têm de usar o conhecimento adquirido pela informação jornalística de forma proveitosa e utilitária.

Quando questionado sobre a importância do jornalismo em sua vida, a resposta do entrevistado *G1.2* (grupo sem escolaridade até o 5º ano do ensino fundamental) foi um bom exemplo do jornalismo visto como contextualizador social:

Eu considero o jornalismo importante porque traz notícias pra gente que tá dentro de casa, e toda a vida eu tive o jornal como exemplo de vida porque a gente vê o sofrimento

das pessoas. Quantas meninas de 15 anos a gente vê no jornal quebrando a cara e a gente vai aprendendo com tudo aquilo. Eu criei meus filhos ensinando para eles o que o jornal passa. Tem coisa que só resolve com jornal. O jornalismo traz educação para meus filhos (ENTREVISTADO G.1.2).

Na resposta acima, nota-se que o entrevistado utiliza o jornalismo como um ponto de referência social. Para ele, sem o jornalismo as pessoas ficariam a mercê do perigo que ronda as ruas escuras do bairro quando perdem, por exemplo, a edição do jornal que contou sobre um estuprador que está atacando mulheres pelo setor.

Em outro exemplo, é percebido que o entrevistado G3.2 não considera o jornalismo importante em sua totalidade, mas admite ver no produto jornalístico a característica de proporcionar novidades, ou seja, informações que ainda não eram do seu conhecimento:

Em partes eu considero o jornalismo importante sim, porque a parte que eu considero importante é a facilidade que ele me proporciona de saber as coisas que aconteceram, tipo um cardápio (ENTREVISTADO G3.2).

Em ambos os exemplos citados, e na quase totalidade das respostas obtidas pela pesquisa focal, o jornalismo é visto como um preciso encaixe à necessidade que o indivíduo tem de se contextualizar socialmente, ora se comportando como lanterna que traz clareza, ora como “cardápio” que sugere o que acontece no mundo.

No seu papel de transmissora de novos e reformulados conhecimentos, “a mídia deve estar atenta a todas as aspirações coletivas e a elas corresponder de modo edificante, contribuindo não apenas para fortalecer a mobilidade social, mas para o crescimento intelectual dos seus consumidores” (MELO, 2009, p. 95).

É preciso considerar, também, que o papel que o jornalismo enquanto prática social se propõe a cumprir está, antes de tudo, ligado a uma necessidade da própria sociedade.

O jornalismo supre uma demanda de informações solicitadas pelos indivíduos, que as utilizam seja na esfera de sua vida privada – seus gostos, seu entretenimento, etc – seja no que diz respeito às questões públicas – notícias sobre as ações do Governo, a situação econômica do país, o debate eleitoral, etc. (GUERRA, 2005).

Essa necessidade que a sociedade deposita no jornalismo pode ser confirmada pela resposta do entrevistado *G.I.1*, quando questionado sobre a importância do jornalismo em sua vida:

Eu considero o jornalismo importante porque através dele a gente adquire conhecimento, entendimento e sabedoria, e eu considero de muita importância porque nos traz as notícias que, sem o jornalismo, nós não ficaríamos sabendo. Tem coisa que minha esposa não fica sabendo porque ela não assiste o jornal. Não sabe conversar em uma roda de amigos sobre os assuntos que a gente discute diariamente (ENTREVISTADO, G1.1).

Ao afirmar que sua esposa não sabe conversar em uma roda de amigos porque não assiste ao jornal, o entrevistado *GI.1* fortalece a hipótese de que há, sim, no jornalismo uma expressiva responsabilidade de contextualizar o indivíduo socialmente.

O indivíduo necessita da informação jornalística para se situar na esfera pública, mesmo que seja uma microsfera, como a roda de amigos citada pelo entrevistado. Sem isso, “não sabe conversar sobre os assuntos que (...) diariamente são discutidos”. E o jornalismo também precisa da esfera pública como matéria-prima de seu trabalho.

Uma interessante observação que norteia a utilização da ferramenta “jornalismo” está relacionada ao fato de que, como mostra o outro aspecto do gráfico 2, a porcentagem das matérias que foram lembradas após o término do jornal foi de 59%, ou seja, 41% do conteúdo do telejornal não foram fixados na memória dos telespectadores. Isso porque, de acordo com as respostas das perguntas seguintes da entrevista, os telespectadores só memorizaram aquelas que interferiram mais diretamente em sua vida rotineira⁶.

Uma prova desse resultado está nas respostas dos entrevistados quando interrogados sobre qual ou quais notícias consideraram de maior importância. Em um telejornal em que foram noticiados os mais variados fatos⁷, desde corrupção a informações sobre esporte, foi unanimidade

⁶ É importante aqui abrir e fechar parênteses porque não se pode deixar de levar em consideração outros aspectos técnicos que também contribuíram para a não fixação dos quase 50% de todo o conteúdo que foi apresentado pelo jornal, como falta de tempo, conseqüente rapidez em apresentar o assunto tratado e, também, o fator variável que é a *memória* dos entrevistados. O número percentual que indica a não fixação do conteúdo torna-se ainda mais preciso quando, durante a pergunta sobre a quantidade (por cento) de notícias que os entrevistados eram capazes de se lembrar, a pesquisadora apresenta uma lista contendo as chamadas de todas as notícias relatadas. Os entrevistados, então, precisaram apenas indicar quais delas eram capazes de se lembrar.

⁷ As chamadas de todos os blocos do telejornal Jornal Nacional do dia 12 de abril de 2010 podem ser consultadas nas páginas do capítulo 7: Anexo.

entre os entrevistados escolher notícias de cunho coletivo-social, como o “caso do maníaco de Luziânia”, “desmatamento na Amazônia” e a “invenção da injeção sem dor” como as notícias de maior importância.

O termo coletivo-social se refere a notícias que interferem não só na vida do entrevistado, mas da sociedade em geral. No caso do maníaco de Luziânia que mobilizou não só a imprensa regional, mas nacional e até internacional, a preocupação com os filhos tomou conta não só das mães residentes em Luziânia - Goiás, mas deixou a sociedade brasileira em alerta para este tipo de crime.

Em geral, pode-se perceber que os indivíduos têm mais facilidade em memorizar matérias jornalísticas de seu interesse do que qualquer outro tipo de motivo, interesse esse que está totalmente relacionado a uma necessidade de contextualização social.

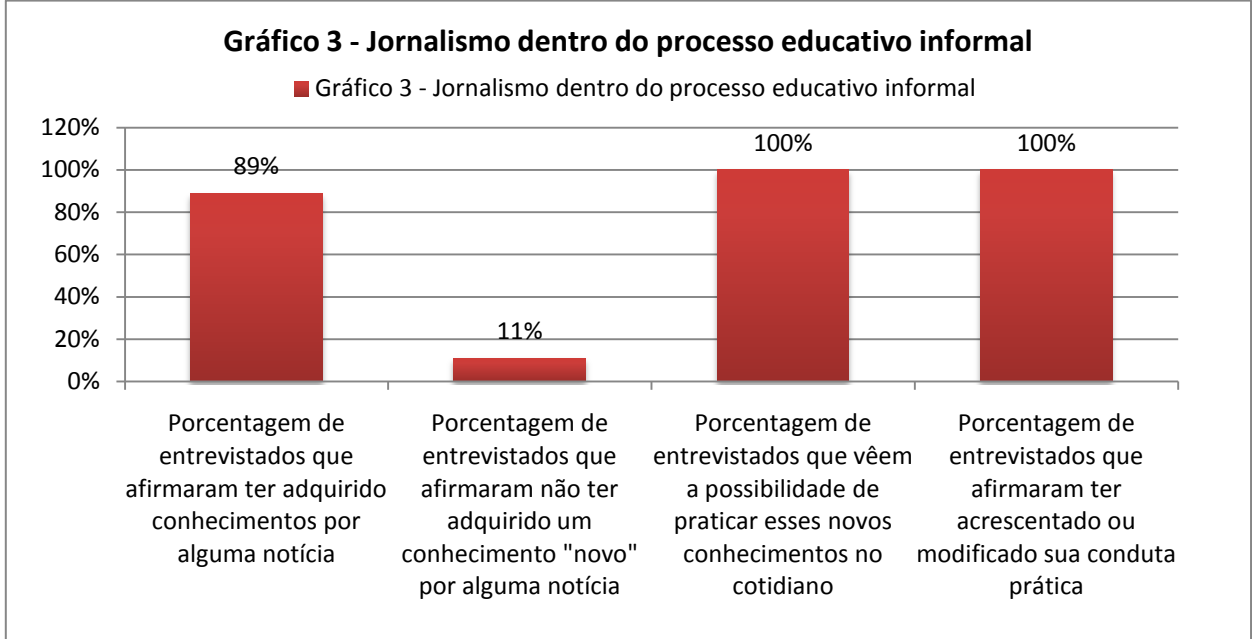
Há, porém, uma grande crítica no que se refere a esse valor de orientador social no jornalismo porque muitos intitulam e até confundem esse papel com o de “ditador de ordens” ou “manipulador”.

Quando se diz “Meu filho, está frio lá fora” não está implícita a ordem – Meu filho, ponha um casaco? Com o jornalismo também é assim. E não só no jornalismo, mas todos os processos ditos sociais devem necessariamente ser compreendidos como sustentados por essa lógica da palavra de ordem.

“A diferença é que a noção da palavra de ordem é a propriedade da linguagem e o jornalismo pede que lhe seja aplicada a lógica do que se opera com a linguagem para que seja devidamente compreendido” (GOMES, 2004). Então, não há como fazer jornalismo sem que a palavra de ordem esteja implícita, basicamente porque não há relações ou processos sociais sem a mesma característica.

4.3. Quando a informação jornalística atinge seu potencial educativo

Resultados da pesquisa apresentados pelo gráfico abaixo confirmam que a utilização do jornalismo como orientador e suporte da educação informal está acolhido, antes mesmo dos profissionais de jornalismo, pela sociedade:



Quadro 3: gráfico representativo dos resultados da pesquisa qualitativa

O gráfico acima aponta para os 89% dos entrevistados que afirmaram ter adquirido um novo conhecimento captado por alguma ou algumas notícias. Os 11% dos entrevistados que afirmaram não ter adquirido nenhum novo conhecimento justificaram que, apesar de admitir que o jornalismo transmita conhecimento, todas as informações que aquela edição do Jornal Nacional apresentou já eram de seu conhecimento.

Que esses entrevistados já sabiam de tudo o que foi transmitido é um fato, este confirmado pelos próprios indivíduos. Restou, porém, saber como entraram em contato com essas informações. Não seria também pelo jornalismo de forma direta – tendo assistido as mesmas notícias num outro momento – ou de forma indireta – sabendo por amigos, e estes pelo jornalismo? A informação jornalística possui uma característica inegável: possibilita o que o indivíduo social não conseguiria sozinho que é o de alcançar fatos antes isolados geograficamente. Obviamente que, para isso, essa característica está relacionada ao sucesso de uma mídia avançada tecnologicamente. Assim, quando o entrevistado diz que já sabia de tudo que foi noticiado no telejornal, é praticamente certo que o contato com todos os fatos noticiados ocorreu pelo jornalismo em outra ocasião em que o jornalismo também tenha sido o principal

responsável ou em conversas com quem soube pelo jornalismo.

O gráfico também apresenta que todos os entrevistados afirmaram ver nesses novos conhecimentos a possibilidade de colocá-los em prática em suas atividades diárias. Além disso, foi unânime a admissão de esses conhecimentos também terem acrescentado ou modificado a conduta prática dos indivíduos entrevistados, e isso é o processo educativo informal.

Para o professor José Carlos Libâneo (2006) educar é conduzir de um estado a outro, é modificar numa certa direção o que é suscetível de educação. Por isso, “a prática educativa não é simplesmente a transmissão de herança dos antepassados para as novas gerações, mas sim o processo pelo qual também se torna possível a gestação do novo e a ruptura com o velho” (ARANHA, 2006, p. 31).

O que pode ser percebido durante a pesquisa e analisando as respostas dos entrevistados é que o grupo focal 1 – sem formação escolar até o 5º ano do ensino primário - teve mais dificuldades de absorção de conhecimento pela conseqüente dificuldade de entendimento das notícias. Além dos motivos técnicos – e estes serão tratados no próximo tópico – é possível perceber que o grupo 1 tem o ritmo de absorção inferior aos demais grupos, principalmente se comparado ao grupo 3 – ensino superior completo.

A psicologia aplicada à educação explica que o processo educativo implica na superação do conhecimento superficial, ou seja, quando o indivíduo é capaz de colocar o conhecimento adquirido em prática. Essa capacidade é medida por pontos como controle e distúrbio de aprendizagem, níveis de dificuldade do educando e ritmo de aquisição de conhecimento.

Agora, sabe-se que uma pessoa com formação superior tira mais proveito das notícias do que uma pessoa privada da escola básica. E é nesse ritmo que o primeiro grupo encontrou-se inferior aos demais, como pode ser comprovado pelo entrevistado *GI.3*, que diz ter lembrado de apenas 10% das matérias vistas e não ter entendido 80% delas

Eu não consigo entender porque tem notícias difíceis e fáceis, mas meu maior problema é a memória. Não me lembro nem dos nomes. Conteúdo complexo. A da Amazônia eu já vi muitas vezes, mas não consigo entender pra onde aquela madeira vai naquele rio abaixo. Já vi muitas vezes essa cena, mas não consigo entender (ENTREVISTADO, G1.3).

Sobre o uso eficaz das informações que são transmitidas pelo jornalismo, José Marques de

Melo (2009), ao ser questionado sobre a possibilidade de os meios e suas mensagens construírem uma sociedade mais crítica, afirma que o resultado irá depender do cidadão. “Quanto mais bem educados eles forem, mais elevados serão os padrões cognitivos e a inapetência dos cidadãos comuns para demandar qualidade nos produtos midiáticos” (MELO, 2009, p. 90).

Em suma, o que pode ser relatado a partir da análise desses dados é que o jornalismo, como contribuinte para o processo educativo informal tem sua eficácia medida não só por essa função que ele se dispõe cumprir, mas pela “boa absorção” desse jornalismo pelos indivíduos. Esse aproveitamento da informação jornalística pelos indivíduos é reflexo desse uso no processo educativo informal.

Quando questionados sobre quais notícias fizeram parte desse quadro de modificação da conduta das atividades diárias, três notícias foram apresentadas pelos entrevistados: desmatamento na Amazônia, desmoronamento em Niterói e a descoberta da injeção sem dor. “Eu acho que posso mudar meu comportamento depois da matéria sobre o desmatamento da Amazônia. Ela fala de conservar o meio ambiente”, disse o entrevistado G1.1, e mais:

A matéria do desmoronamento em Niterói. Eu posso ser mais praticante na assistência social, e isso aprendi vendo o deslizamento de terra em Niterói. Ajudar o próximo, ser mais solidário com o próximo. Essa notícia mexeu comigo (ENTREVISTADO G1.1).

Quando o conhecimento transmitido pela informação jornalística é capaz de modificar a conduta prática do indivíduo social significa que, de maneira informal, essa informação está fazendo parte e se comportando como uma ferramenta educacional, como aconteceu com a totalidade dos entrevistados quando captaram o conhecimento e o acrescentaram em seu processo educativo informal construído ao longo da vida.

Informação jornalística é, por sua vez, comunicar, ou seja, tornar comum. E é essa comunicação que determina a passagem do individual ao coletivo, uma condição básica para elaborar a vida social.

A comunicação também não só promove a socialização, mas é uma das responsáveis pela formação da identidade do sujeito social. Essa construção da identidade do sujeito é um reflexo dos aspectos intelectuais que resultam da informação jornalística. Esses aspectos intelectuais, quando somados a significações emocionais que permeiam a mensagem acabam se tornando

complexos fenômenos psicossociológicos consumidos pelos indivíduos em forma de comunicação.

Pode-se, então, afirmar que a informação jornalística, quando consumida, faz parte do processo educativo, mas em diferentes níveis, estes que serão avaliados pela capacidade de absorção de conhecimento e de transformá-lo em ferramenta para a melhor convivência social.

Para o pedagogo norte-americano John Dewey (2006), o processo educativo é o seu próprio fim. A partir dessa visão, o professor argentino Gustavo Cirigliano (2006) afirmou: “No viver diário, atividade e fim se confundem. Os pais criam os seus filhos para torná-los adultos? Ou a sua criação é parte da vida deles e dos seus próprios filhos? [...] Isso significa que a educação não deve estar separada da vida, mas é a vida mesma”.

Se a educação é a própria vida, nada mais natural do que se interessar por elementos educacionais que atinjam diretamente a rotina, informações que divulguem alguma mudança no bairro ou na cidade do sujeito social. E isso pode ser observado em algumas respostas da pesquisa, como a do entrevistado G1.2:

Eu gosto mais do jornal local porque coisas do meu estado me interessam mais. Aparecida de Goiânia me interessa mais. Quando acontece algo grave lá fora eu nem me importo muito, mas quando é no estado de Goiás, eu me interesso mais porque eu posso praticar aquilo. Quando fala do tarado da moto, eu já fico esperta porque o jornal tá despertando aquele perigo (ENTREVISTADO, G1.2).

Paulo Freire já dizia que aprender é “a procura constante do crescimento pelo indivíduo, que busca a sua satisfação pessoal; é a construção diária e decodificação do mundo” (FREIRE, apud VASCONCELOS, 2009, p.45).

A busca pela satisfação pessoal está diretamente relacionada ao interesse de alguns entrevistados pela informação local porque é inválido pensar no processo de educar sem analisar o processo de aprender. E quando as notícias sobre acontecimentos dos bairros são a causa de maior interesse em um telejornal nacional significa que a sede pelo saber por meio dos conhecimentos transmitidos pela informação jornalística está atrelada ao interesse social particular.

“Aprender define-se, sobretudo, como uma aventura criadora, uma capacidade

exclusivamente humana de observar, agir, decidir e criar, visando à construção do saber para compreender a realidade e transformá-la por meio da sua intervenção” (FREIRE, apud VASCONCELOS, 2009, p.45).

O campo da sociologia estuda a educação a partir da compreensão de que o processo educativo é também um processo de perpetuação e desenvolvimento da sociedade. “Émile Durkheim foi o primeiro a analisar o caráter social da educação” (ARANHA, 2006).

Para Durkheim, a educação satisfaz, antes de tudo, a necessidades sociais. Mas os limites da abordagem do sociólogo estão no fato de que ele trata a educação por uma concepção conservadora, já que vê a educação como forma de manutenção da estrutura social. Essa concepção - conservadora ou não - de educação pode ser vista dentre as respostas colhidas, e até pelo resultado geral em que 100% dos indivíduos entrevistados afirmaram ter mudado algum aspecto de sua conduta e praticar o conhecimento adquirido pela informação jornalística.

O entrevistado G2.1, ao ser questionado sobre o que ele fará de diferente em sua rotina após ter assistido ao telejornal, afirmou o seguinte:

Claro que esse conhecimento novo foi útil! Agora eu vejo que posso aproveitar alguma coisa dentro da minha casa, principalmente na cozinha, como cortar o litro de óleo e de detergente e reutilizá-los. Já vi muitas nutricionistas ensinando a aproveitar as cascas das frutas e nunca tive esse interesse. Agora já vou praticá-lo (ENTREVISTADO G2.1).

Esse entrevistado se referia à matéria que dizia sobre o desmatamento na Amazônia e a matéria sobre o desmoroamento em Niterói. O interessante é que, por uma matéria que fala de desmatamento no meio ambiente, o entrevistado “tirou a lição” de que as grandes mudanças começam pelas pequenas, como a prática de aproveitar a embalagem do detergente e do óleo de cozinha para preservar o meio ambiente, e da matéria que falava do desmoroamento em Niterói “tirou a lição” de que existem pessoas que naquele momento estavam passando por necessidades primárias e que o mínimo que o entrevistado poderia fazer era não desperdiçar alimento, aproveitando até as cascas das frutas, porque sempre há quem esteja passando fome no mundo.

Nota-se uma forte crítica quando se relaciona o papel social da mídia porque sempre há a delimitação deste papel à simples difusão de uma cultura de massas ou uma manipulação. Entretanto, os resultados citados acima mostram que a matéria “desmatamento da Amazônia” não

falava diretamente em “não jogar recipiente de detergente no meio ambiente”, tampouco a matéria sobre “desmoronamento em Niterói” se referia ou mandava “não desperdiçar alimentos”. Como, então, pode-se falar em jornalismo e manipulação?

Está claro que os entrevistados tiraram da informação jornalística o que acharam que era válido para si e para a sociedade, sem que fosse preciso ditar regras como a de que, por causa do desmoronamento em Niterói, os telespectadores devessem despertar para a “boa vida que eles levam em suas casas seguras e cheias de alimento” e, por causa disso, o mínimo que podiam fazer era não desperdiçar. Ninguém ditou regras. A informação jornalística apresentou os fatos, e estes foram tomados pelos telespectadores como conhecimento que mudaram sua conduta de vida em algum aspecto.

Em seus estudos, Marshall McLuhan (1951, apud MELO, 2009) faz uma reflexão sobre a influência da mídia sobre o público-massa, ou como ele chamava “aldeia global”. Sua hipótese se concentrava na grande responsabilidade que a mídia possuía sobre os grandes públicos. Isso porque o tempo dedicado ao consumo da mídia é superior àquele preenchido pela escola, no conjunto da população em idade escolar.

Essa hipótese pode ser fortalecida pela resposta de um dos entrevistados, que comparou a educação transmitida pelo jornalismo com a educação escolar. “O jornalismo pode ensinar tanto quanto a escola. Se não assistir o jornal você não vai ter conhecimento” (ENTREVISTADO G1.2).

Trata-se, portanto, de uma educação coletiva e implícita no espaço que McLuhan chamou apropriadamente de ‘aula sem paredes’ preenchendo um espaço deficitário da educação:

Refletindo sobre esse fenômeno peculiar à sociedade brasileira, é necessário admitir que, se a qualidade do ensino formal proporcionado às novas gerações continuar deficiente, inegavelmente a cultura de massa e a mídia continuará a exercer atração e influência sobre as crianças e adolescentes (MELO, 2009, p. 94).

Portanto, ao contextualizar o panorama brasileiro, encontra-se um país cujos meios de comunicação suprem as carências do sistema escolar, “educando aqueles contingentes excluídos do banquete civilizatório” (MELO, 2009, p. 91).

Contradizendo essa hipótese, Adelmo Genro Filho (1987) afirma que a imprensa não tem apenas a finalidade de transmitir a cultura de massas:

O significado social de uma informação jornalística está intimamente relacionado tanto ao aspecto quantitativo quanto ao qualitativo. Um evento com probabilidade próxima de zero é jornalisticamente importante mesmo que não esteja vinculado às contradições fundamentais da sociedade. Por exemplo, um homem que conseguisse voar sem qualquer tipo de aparelho ou instrumento. Um evento de elevada probabilidade, como novas prisões políticas no Chile de Pinochet, é significativo e importante em virtude de seu enraizamento amplo e radical num processo que expressa tendências reais do desenvolvimento social. A significação desse fato, seria desnecessário acrescentar, depende também do aspecto subjetivo: a solidariedade ou oposição as tendências e possibilidades nas quais os eventos estão inseridos. Aqui entra não só a margem de importância que ideologicamente é atribuída aos fatos, como também um espaço determinado de arbítrio ideológico para a própria significação em termos qualitativos. As novas prisões no Chile de Pinochet, para os jornais do governo chileno, podem significar que o regime está disposto a "manter a ordem e a segurança dos cidadãos". Para um jornal liberal podem representar "mais um ato de arbítrio de um governo sem legitimidade". Nas páginas de um jornal de esquerda podem significar que "está se ampliando a resistência revolucionária do povo chileno (GENRO, FILHO, 1987)

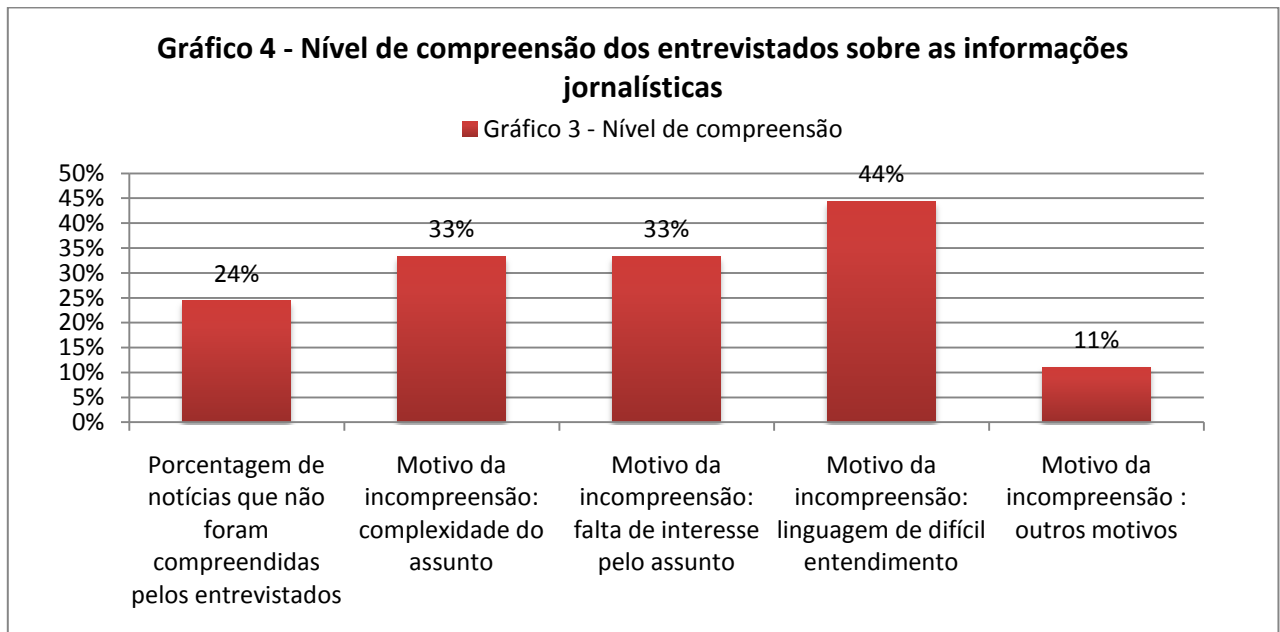
Unindo os estudos ainda pertinentes de McLuhan com as contraposições de Adelmo, é possível afirmar que um ponto decisivo e muitas vezes problemático, é justamente o déficit cognitivo e a inapetência dos cidadãos comuns para demandar qualidade nos produtos midiáticos, e não apenas a responsabilidade muitas vezes intitulada “manipuladora” dos meios de comunicação e do jornalismo, como veremos com mais detalhes no próximo subcapítulo.

Portanto, para que a informação jornalística se insira, mesmo que indiretamente, num processo educativo, é preciso que ela transmita conhecimentos – e o faz, como concluímos anteriormente. Esse conhecimento, quando decodificado pelo público, leva consigo a possibilidade de mudar a conduta, comportamento, consciência ou atitude de quem faz essa decodificação. Quando isso acontece, mesmo que seja só no nível da consciência, o processo educativo por meio do jornalismo é consolidado: ele é informal porque o jornalismo não precisa de métodos pedagógicos sistematizados e organizados com a intenção explícita de educar ou de alcançar esse objetivo.

4.4. Limitações: o perigo do jornalismo nocivo ao processo educativo informal

Quando o jornalismo ocupa um papel de muita importância social, a sociedade acaba se fazendo dependente desses materiais jornalísticos. Entretanto, essa demanda produz na sociedade um conjunto de expectativas tanto em relação à ética quanto em relação à competência com as quais aquele papel é cumprido. “A sociedade quer receber essa informação de que precisa e demanda, mas para isso estabelece condições e critérios sobre os quais a atividade jornalística deve se pautar” (GUERRA, 2005). Antes de tudo, porém, muitas ou quase todas essas condições e critérios são uma *necessidade* para compreensão do conteúdo jornalístico de cada informação, cujo objetivo é atingir a alta eficácia do processo de comunicação.

Esses níveis de compreensão podem ser analisados a partir dos resultados obtidos nas pesquisas. Verifica-se que $\frac{1}{4}$, ou seja, 25% das notícias não foram compreendidas pelos entrevistados por algum motivo. Dentre os motivos, apenas 5% deles foram justificados pela complexidade do conteúdo.



Quadro 4: gráfico representativo dos resultados da pesquisa qualitativa

Os dados do quadro 4 revelaram que os entrevistados encontram seu maior obstáculo na linguagem de difícil compreensão, somando 44%. A falta de interesse pelo assunto foi destacada por 33% dos entrevistados. Somando 11%, a rapidez e falta de espaço para tratar da matéria também foi uma justificativa apresentada para a falta de compreensão desses 24% de informação jornalística, o que leva à afirmação de que existem limites técnicos e editoriais que se transformam em perigos eminentes quando se trata de jornalismo e a prática educativa informal.

Pode-se, então, notar que esses limites e ‘falhas’ rodeiam três pontos fundamentais da relação entre prática jornalística e indivíduo social: complexidade do assunto, a falta de interesse e linguagem de difícil entendimento. Mas sabemos também que há toda uma gama de problemas organizacionais e estruturais, alguns decorrentes da própria natureza da atividade. Neste aspecto podem ser salientados problemas como o espaço, também apontado por entrevistados, mas também o problema do tempo (que tem como consequência um texto menos cuidado, a falta de aprofundamento, a ausência de pesquisa, a não-cobertura de determinados assuntos etc.), do deslocamento até o local dos acontecimentos, o acesso às fontes de informação etc.

Somando 33% dos entrevistados, o assunto complexo não é o maior motivo de preocupação para os telespectadores quando vão assistir ao jornal. Entretanto, os 44% que afirmam a linguagem de difícil compreensão como um motivo acaba tornando essa complexidade uma barreira gigante, porque um está atrelado ao outro. Transmitir a informação e trazer o novo não faz com que o processo de comunicação do jornalismo já se dê por concluído. É preciso apresentar a novidade e fazer com que ela tenha sentido ao indivíduo social.

“O que surpreende, então, necessariamente não faz sentido – ao menos até que a ação comunicativa (jornalística ou não) ‘explique’ o fato ou o torne conhecido e assim crie a referência interior necessária para que os fatos passem a ‘fazer sentido’(SERVA, Leão, 2005, p. 48).

Há um ditado que diz: “Se um cachorro morde um homem, não há notícia. Se o homem morde o cachorro, isso é notícia”. O procedimento jornalístico muitas vezes resumido metaforicamente por esse ditado faz com que o alvo seja sempre noticiar o raro, o paradoxo, o imprevisto.

A teoria do Agendamento – ou *Agenda-Setting* – estuda a capacidade que os meios de comunicação possuem para agendar (daí o termo) os assuntos que vão entrar na lista de debates

dos membros do público. Agendar significa pautar, determinar quais assuntos devem merecer a atenção do público. E isso de forma natural, pelo fato de evidenciar determinados assuntos. Mas, a rigor, o trabalho natural de agendamento se dá pela simples divulgação de determinado assunto. Portanto, a princípio, a mídia agenda naturalmente todos os assuntos que divulga. O interessante está nas escolhas da mídia. Ao noticiar “x” e não “y”, ela está sinalizando, com toda a credibilidade que têm, que “x” é importante e “y” não. E quanto mais evidência técnica (manchete, posição na página ou ordem de apresentação, tamanho, imagem, sonora etc.) e quanto mais houver consonância entre os veículos, mais chances aquele assunto têm de entrar na agenda de debates e de importância do público. Por isso, a falta de interesse do público pelo assunto está diretamente relacionado a *Agenda-Setting*.

O resultado da pesquisa mostra que, dos 25% dos entrevistados que não compreenderam a notícia, a maioria (67%) afirma que o motivo não é a falta de interesse pelo assunto, ante 33% que dizem ser o desinteresse a razão. O interesse na notícia diminui à medida que ela se afasta geográfica e tematicamente do cotidiano do público. Mas alguns pesquisados revelaram espontaneamente, sem serem perguntados, que o interesse na notícia só vai até os limites geográficos do Estado onde moram, no máximo a sua região, como já foi mostrado no capítulo anterior.

Apesar dos aspectos diferentes da produção e processamento das notícias, sempre há etapas em que o profissional faz escolhas, ou seja, seleciona. Não é a notícia bruta que chega ao telespectador, mas um material estruturalmente processado e refinado pelo jornalismo.

E é nesse refinamento ou seleção que o lado nocivo do jornalismo se concretiza: políticas editoriais defendendo interesses particulares em que o não-importante são as necessidades comunicacionais que existem entre as comunidades sociais.

Durante a seleção e produção da notícia, fala-se em uma “compulsão da estrutura burocrática” em que nesse processo o fator principal não é a valorização da notícia, mas a pressão para inseri-la no jornal. “O redator se preocupa mais com as compulsões mecânicas de seu trabalho do que com os significados e efeitos sociais da notícia” (GIEBER, 1964 apud KUNCZIK, 2002).

E não só a política editoria: patrocinadores, empresários, mas até a quantidade de notícias

que cabem no veículo acaba se tornando uma ferramenta de seleção em que a publicação de uma notícia automaticamente despreza uma outra.

Uma variante que poderia influenciar o comportamento do seletor de notícias é o tamanho do jornal, já que, geralmente, quanto maior é um jornal, menos informações de agências apresenta. Até agora não se pode estabelecer nenhuma relação constante entre a concorrência no mercado editorial e o comportamento dos seletores de notícia (KUNCZIK, 2002, p. 237).

O fato é que a compulsão lucrativa para produzir jornal se torna uma seleção para a publicação de determinadas notícias. Aqui, entram em ação palavras como ética, bom senso e senso crítico dos profissionais em jornalismo. Por isso, a inadvertência do jornalismo não está apenas na seleção do que seja ou não notícia, mas na forma com que os fatos são tratados.

Quando se fala de jornalismo com poder educativo, é imprescindível que sua capacidade de transmissão de conteúdo e, principalmente, de se fazer entender seja sua busca incessante. Então, a capacidade de surpreender que a informação jornalística possui instintivamente deve sempre estar atrelada à capacidade de compreensão que ela possui obrigatoriamente. E a capacidade de compreensão, por sua vez, deve seu sucesso ao método lingüístico que será usado.

Por isso a linguagem de difícil compreensão foi o motivo de maior destaque entre os entrevistados, com 44%, apontando que não adianta ter boa intenção em noticiar, eficiente estrutura textual (técnica de pirâmide invertida, por exemplo), mas não ser claro e compreensível na linguagem adotada.

A informação jornalística faz uso do discurso para estabelecer relações e servir como instrumento de mediação entre os homens e os outros homens. O discurso são combinações de elementos lingüísticos (frases ou muitas frases), usadas pelos falantes com o propósito de exprimir seus pensamentos, de falar do mundo exterior ou de seu mundo interior, de agir sobre o mundo.

“A fala é a exteriorização psico-físico-fisiológica do discurso. Ela é rigorosamente individual, pois é sempre um eu quem toma a palavra e realiza o ato de exteriorizar o discurso” (FIORINI, 1998). E o jornalismo é o eu quem toma a palavra e realiza o ato de exteriorizar o discurso. A resposta a este ato surge, não apenas quando o cidadão escreve uma carta ao jornal ou

quando manda sugestões de pautas, mas quando há mudança – por menor que seja – em seu comportamento.

Se o jornal noticia que irá chover à tarde e o cidadão sai com guarda-chuva, isso já é uma resposta. E essa resposta pode ser considerada como a finalização de um processo educativo informal iniciado pela informação jornalística que este trabalho aqui propõe a concretizar. O jornalismo sugere um novo conhecimento por meio da informação jornalística capaz de interferir (positiva ou negativamente) a atitude ou comportamento do indivíduo social. Mas a resposta, como dito anteriormente, depende do discurso que no jornalismo se compõe como notícia.

Ao analisar a estrutura da notícia, Nilson Lage (2006) enfatiza que a linguagem não é apenas esse instrumento de comunicação que nos traz à presença tempos passados, paisagens distantes, mas é um espaço de uma organização do mundo a que se chama “cultura”. Desde o início dessa cultura, as tarefas de guardar e produzir conhecimento vem se especializando.

O conhecimento em geral privilegia o que as coisas são. Procura arrumar seres e fenômenos em categorias, estabelecer relações, definir, explicar. Estipula a série de operações lógicas sobre dados e extrai conclusões que se devem comprovar empiricamente (LAGE, 2006, p.7).

Nota-se que a linguagem é uma “ferramenta-chave” para o sucesso da transmissão e construção de conhecimento entre os indivíduos. Por isso, quando o jornalismo utiliza uma linguagem inacessível, sua capacidade educativa informal torna-se insatisfatória e ineficiente. O questionamento que surge nesse aspecto é: Mas essa linguagem é inacessível para poucos, para muitos, para quem? Só para o público-massa?

De modo óbvio, a inacessibilidade da linguagem varia de acordo com a capacidade individual de decodificação. O que se pode afirmar é que, como a pesquisa aqui apresentada foi direcionada a três grupos com diferentes graus de escolaridade – e a escola, como já foi mostrado, ainda é a maior responsável pela evolução educativa e epistemológica do ser humano – o motivo “linguagem de difícil compreensão” não foi mencionado apenas pelo primeiro grupo focal – sem formação escolar até o 5º ano – mas por membros de todos os grupos, inclusive do último grupo cujos membros têm o ensino superior completo. Isso significa que obstáculos de acessibilidade a linguagem que é utilizada pelo jornalismo é comum a todos os grupos, embora

em graus de diferentes de dificuldade.

No caso da televisão, ela realiza, mais do que qualquer outro meio, o projeto teórico de uma sociedade em que um sistema transmissor dirige-se à multidão dispersa de cidadãos inertes e passivos. Mas existirá essa massa? (LAGE, 2006, p. 49)

[...] Será ela (essa massa) definida por grau de escolaridade, como supõe a distribuição dos programas em faixas horárias, de modo que os mais perigosos e complicados – pelo erotismo sempre teatralizado, pela exposição de violência, pela veemência do discurso político, pelo grau de abstração – ficam fora do alcance de trabalhadores em geral, que dormem mais cedo? A resposta é ‘não’ (LAGE, 2006, p. 49).

“Os quatro séculos de imprensa mostram que o público pode ignorar métodos e fatos, pode ser crédulo e de boa fé, mas não é tolo. E, se fosse, não teria sentido pensar em democracia, isto é, em dar-lhe o poder, em última e decisiva instância” (LAGE, Nilson, 2006, p. 49).

Os métodos utilizados no jornalismo, por ser um mediador social, obtêm-se de ferramentas estruturais e textuais para conseguir chegar ao objetivo de comunicar-se, que é um processo que não se finaliza no ato de falar, mas de ser ouvido. Embora essas ferramentas tenham justificativas muitas vezes científicas para seu uso e eficiência, outras vezes acabam se tornando o próprio ‘ruído’ desse processo comunicativo.

O lide é um exemplo de ferramenta textual jornalística. Ele é o primeiro parágrafo do texto do jornalismo impresso. Corresponde, também, à primeira proposição de uma notícia radiofônica e ao texto lido pelo apresentador ou à deixa do apresentador, e ainda, a cabeça do repórter (quando ele aparece falando) no início de uma notícia de televisão.

O lide responde a questões como o que, quando, onde, como e por que, o que é de suma importância quando se fala de transmitir fatos. O que tem atrapalhado o instintivo aspecto “explicativo” do lide é que a fórmula jornalística tem tomado conta de todo o texto, e não apenas do início dele.

Isso significa que a falta de tempo e espaço para transmitir a notícia tem feito com que o texto fique muito objetivo e pouco explicativo, como se fosse um grande lide. A rapidez das notícias nos telejornais esteve entre os motivos apontados por um dos entrevistados, e está incluído nos 11% representados por “outros motivos” no gráfico acima.

Eu não entendi algumas notícias porque são muito rápidas, o tempo é muito curto, quando você começa a prestar atenção, a notícia já acabou (ENTREVISTADO G3.2).

O motivo de eu não ter entendido as notícias foi a linguagem complexa e eles falam muito rápido! (ENTREVISTADO G1.2)

“Do ponto de vista da estrutura, a notícia se define como o relato de uma série de fatos, a partir do fato mais importante ou interessante. Mas em primeiro lugar, indica que não se trata exatamente de narrar os acontecimentos, mas de expô-los” (LAGE, 2006, p. 17). E é essa exposição que acaba fazendo com que o jornalismo deixe de lado o mais importante: a explicação da exposição, já que, como confirmam os dados do gráfico – sobre os 55% que remetem à linguagem de difícil compreensão.

O entrevistado G3.3 tem ensino superior em Direito e, ao ser questionado sobre o motivo que o levou a não entender 20% das notícias, respondeu:

Eles não explicam direito! Na verdade, ninguém conhece muito bem a Lei do Desmatamento (se referindo à notícia sobre o desmatamento da Amazônia), ninguém entende como funciona a lei. E na notícia eles não explicam isso muito bem. É um pouco superficial. Inclusive, nas matérias relacionadas ao Direito, quem as faz não sabe o que está dizendo e acontecendo. **É o caso do regime semi-aberto (se referindo a matéria sobre o maníaco da cidade de Luziânia). Quem não entende não sabe o que está acontecendo.** (*Grifo nosso*) (ENTREVISTADO G3.3).

A falta de tempo (e isso está mais relacionado a um problema editorial do que técnico) para transmitir a notícia não consentiu que o repórter ou âncora do telejornal explicasse ao telespectador o que significava a frase “o monstro estava em regime semi-aberto”. O que é regime semi-aberto? Ele pagou pela injustiça que cometeu? Ele está solto durante o dia e volta para dormir na prisão? Talvez a linha editorial devesse privilegiar menos notícias e mais aprofundamento.

A Teoria do Agendamento, já citada por essa pesquisa, em contrapartida à Teoria Crítica, demonstra que a compreensão que as pessoas têm de grande parte da realidade social é fornecida predominantemente pelos meios de comunicação de massa. A teoria crítica diria que essa compreensão é distorcida, equivocada, ao passo que a *Agenda-Setting* não entra muito na questão de certo e errado, apenas afirma que a compreensão, no sentido a, b ou c, é dada majoritariamente

pela mídia. “A imprensa não diz às pessoas como pensar, mas sobre o que pensar, isto é, sobre quais temas pensar” (TEMER, 2004, p. 71).

A limitação do código, ou seja, reduzir o número de palavras e expressões quanto de ferramentas gramaticais aumenta a comunicabilidade e facilita a produção da mensagem, o que é último no caso da notícia como produto industrial.

Essa mesma limitação do código reduz a amplitude de conteúdos a comunicar – neste caso podendo ser representada pela “explicação do que seria o regime semi-aberto na notícia sobre a prisão do maníaco de Luziânia. O universo das notícias é o das aparências do mundo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se fala do jornalismo que se comporta como ferramenta educativa, fala-se também do papel social que ele vem exercendo desde suas originárias ações. Isto posto, pode-se delinear, segundo Carlos Vicchiatti (2005), as seguintes características e qualidades para o jornalista inserido na realidade história de que participa:

a) um jornalista que conheça e entenda, com consciência crítica, as mudanças e os conflitos de sua realidade social; b) um jornalista capaz de praticar um discurso informativo e significativo, isto é, valorativo, refletindo fielmente a estrutura social em que opera; c) um jornalista que integre, dialeticamente, o estético, o social e o técnico, isto é, que afine sua prática profissional com sua visão estética; d) um jornalista criativo que possa interferir, com competência técnica, nos meios de comunicação para superar as contradições sociais e não perpetuá-las, alienadamente (VICCHIATTI, 2005, p. 59).

Diante das aspirações de um jornalismo consciente e responsável da prática educativa que pode adquirir, o presente estudo buscou verificar a hipótese de que informação jornalística, quando em contato com o indivíduo social, desempenha um papel educativo, mas não de maneira formal como foi discutido e apresentado no primeiro capítulo deste trabalho, mas informalmente, ou seja, sem a intenção focada e pedagógica de ensinar.

Ao vincular o jornalismo com educação, foi imprescindível também atrelar a informação jornalística ao conhecimento por ela transmitido. Verificou-se que, os indivíduos adquirem conhecimento ao entrar em contato com o material jornalístico.

A origem desse conhecimento, ora vem de terceiros quando o jornalista se utiliza de fontes terceiras, ora do próprio jornalismo, produzindo, com todos os dados e valores obtidos para montar a informação um conhecimento próprio, diferente de todos os outros como o conhecimento científico ou da arte.

O que se estudou aqui foi a possibilidade de esse conhecimento ser usado como ferramenta educativa. Como resultado das entrevistas, verificou-se que o conhecimento transmitido pela informação jornalística tem a capacidade de influenciar, modificar ou acrescentar na conduta prática do telespectador. E isso é educação.

Notou-se também que a possibilidade de a informação jornalística servir de ferramenta

educativa depende muito mais do telespectador (neste caso específico da pesquisa que apresentou um telejornal) do que da própria notícia jornalística, embora ela também tenha uma parcela decisiva nesse desempenho. Depender mais do indivíduo social do que do próprio jornalismo. Isso nos faz alegar que o produto jornalístico, apesar de ser um só para toda a sociedade, é visto e, principalmente, aproveitado de diferentes formas e níveis.

Fazendo entrevistas com grupos de diferentes graus de escolaridade, verificou-se, e pode-se afirmar que a informação jornalística faz parte do processo educativo informal que o indivíduo constrói ininterruptamente por meio de suas convivências sociais como família e amigos, e agora incluindo-se os meios de comunicação e também o jornalismo. Entretanto, essa capacidade educativa é alcançada por diferentes níveis, e estes dependem de tantos outros quesitos, inclusive o nível de escolaridade no qual o entrevistado se encontrava. Como já foi esclarecido nesse trabalho, apesar das outras vias educativas que existem que não passam pelo método escolar tradicional, a escola ainda é a maior responsável pelo crescimento intelectual do ser humano.

Tudo se inicia pelo procedimento ininterrupto e inevitável de educação. A educação, depois de aplicada e entendida, transforma-se em participação do indivíduo, participação essa que tem surgimento com o estabelecimento de um conhecimento, que gera envolvimento e termina em sua real manifestação. A comunicação está no último degrau porque é por meio dela que o ser humano conhece sua realidade e tem a chance de participação. Informação gera conhecimento, este gera mudança de comportamento, e isso é educação.

Por isso, o presente trabalho também constatou que a utilização do jornalismo como contextualizador social é a mais forte dentre todas as outras funções da informação jornalística. Todos os entrevistados afirmaram que o jornalismo serve como orientador e informante do que está acontecendo na sociedade, seja perto ou longe do seu diâmetro de convivência.

É por isso que existe um encaixe fiel ao uso do jornalismo como contextualizador social e a capacidade de ele servir como ferramenta educativa: abrir-se para o modo com que os indivíduos lidam com as práticas na sua experiência de vida é contextualizá-los socialmente, e por meio dessa abertura mostrar ao indivíduo a sua possibilidade de participação como ser social.

Como foi constatado que a informação jornalística pode fazer parte do processo educativo informal do indivíduo, mas sua capacidade está atrelada à capacidade de compreensão e interesse

desse indivíduo por essa informação, foi preciso fazer um estudo sobre as limitações do jornalismo frente a essa capacidade, ou seja, verificar quando o jornalismo limita a capacidade de entendimento do indivíduo e quando o próprio indivíduo limita sua capacidade de interesse.

A imprensa, ao mesmo tempo em que tira do caos a sua matéria-prima, procura organizá-lo, ordená-lo, dispor as notícias que emergem do acaso em um plano organizado, hierarquizado, categorizado: o caos se harmoniza', se 'civiliza' nas páginas de jornal ou no noticiário do rádio, da TV, da internet, ou de qualquer meio que se preste à informação. A isso se chama 'edição', a organização das informações conforme as regras do meio e do veículo específico e conforme a lógica do grupo incumbido do trabalho de editar, a compreensão que eles têm dos fatos e o que ele supõe ser o interesse e a capacidade de entendimento de seu receptor (SERVA, 2005).⁸

“Essas regras e o procedimento de organização das notícias no espaço do jornal são o roteiro de uma ação que pretende deter os fatos, obter sua essência, conhecer e explicá-los, ou ao menos parecer explicá-los” (SERVA, 2005).

Ao tentar explicá-los, notou-se, portanto, que na informação jornalística a linguagem de difícil compreensão foi a maior limitação diagnosticada pelos entrevistados. Eles afirmaram não entender algumas notícias porque não entendiam o que o repórter estava dizendo.

Mas verificou-se, também, que essa falta de entendimento se dá pela não-contextualização da “pré-notícia”, ou seja, a falta de espaço ou tempo para dar maiores explicações limita a compreensão do indivíduo sobre o material jornalístico que está sendo consumido. A notícia acabou se tornando um “grande lide”, ou seja, muito objetivo e pouco explicativo. Mas “sabe-se que uma pessoa com formação superior tira mais proveito das notícias do que uma pessoa privada da escola básica. Mais uma vez, não se pode culpar o jornalismo por isso” (MEDITSCH, 1997).

A limitação vinculada ao ser social está na capacidade de ele se interessar por determinada notícia. Como resultado da pesquisa, notou-se que os indivíduos têm mais interesse em notícias que estão próximos ao seu círculo social do que as que estão distantes. Para eles, a informação jornalística importante é aquela que interfere diretamente em sua vida hoje ou amanhã, e não “testes em usinas nucleares no Paquistão” que nada tem a ver com seu dia de trabalho ou descanso.

⁸ LEÃO. Serva, *Babel. A mídia antes do Dilúvio e nos últimos tempos*. 2005.

Propõe-se, aqui, um jornalismo que se valha de sua capacidade congênita de educar e tenha responsabilidade sobre ela, já que também existe a possibilidade de o jornalismo ser nocivo a esse processo educativo informal. A notícia não traz apenas informação, mas conscientização, contextualização social, conhecimento e educação quando leva em consideração alguns elementos que garantem sua qualidade, sendo eles, segundo Carina Benedeti:

[...] **veracidade** (correspondência à realidade, coerência lógica, confiabilidade, verificabilidade e aplicabilidade; **comunicabilidade** (competência lingüística e expositiva); **pluralidade** (equilíbrio democrático e imparcialidade); liberdade (independência e universalidade); **socioreferencialidade** (interesse público); **inteligibilidade** (compreensão de sentido); **transmissibilidade** (transparência do método e rigor investigativo) (BENEDETI, 2009, p. 120).

“O que se espera da atividade jornalística é boa capacidade técnica para captar e apresentar as informações, que respeite valores fundamentais da convivência social entre os indivíduos e valores específicos que norteiam o trabalho jornalístico” (GUERRA, 2005).

6. REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **Filosofia da educação**. 3.ed. -. São Paulo: Moderna, 2006.

AVELINE, Carlos Cardoso. **A informação solidária: a comunicação social como prática de uma nova ética**. Blumenau, SC: Edifurb, 2001.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. 25ª ed – São Paulo: Loyola, 1999.

BENEDETI, Carina. **A qualidade da informação jornalística**. Florianópolis, SC: Insular, 2009.

BUFFA, Ester; GONZÁLEZ ARROYO, Miguel; NOSELLA, Paolo. **Educação e cidadania: quem educa o cidadão?**. 9. ed. -. Sao Paulo: Cortez, 2001.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e Persuasão**. 9ª ed – São Paulo: Ática, 1998.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio; NOVELLI, Ana Lucia Romero. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 19. ed. -. Sao Paulo: Perspectiva, 2004. xv, 174, il.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 46ª ed – São Paulo: Cortez, 2005.

FREIRE, Paulo; TORRES, Carlos Alberto. **Dialogo com Paulo Freire**. 3 ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2003.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. 1921-1997. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 18. ed. -. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FREITAG, Barbara. **A teoria crítica: ontem e hoje**. 5. ed. -. Sao Paulo: Brasiliense, 1994.

FIORIN, Jose Luiz. **Linguagem e ideologia**. 6. ed. Sao Paulo: Atica, 1998.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Jornalismo e filosofia da comunicação**. São Paulo: Escrituras,

2004.

GONÇALVES, Elias Machado. **Dos estudos do jornalismo às Teorias do Jornalismo: três pressupostos para a consolidação do jornalismo como campo de conhecimento.** E-Compós (Brasília), Brasília, v. 1, 2005. Disponível em:<<http://www.compos.org.br/e-compos>>. Acesso em: 27 julh.2010.

GUERRA, J. L. **Objetividade Jornalística: a definição de seus críticos.** . In: Josenildo Luiz Guerra; Mônica Benfica Marinho. (Org.). Circunavegação - Temas em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Salvador: Independente, 1997.

JACOB. Lumier. **Comunicação social e a sociologia do conhecimento: artigos.** Websitio Produção Leituras do Século XX – PLSV - E-book universitário, 77 págs., 2006. Disponível em:<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000105.pdf>>. Acesso em. 15 ago.2010.

KAPLÚN, Mario. **El comunicador popular.** Buenos Aires: Lumen-humanitas, 1996.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo: Norte e Sul: manual de comunicação.** 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2002.

LAGE, Nilson. **Estrutura da noticia.** 6. ed. Sao Paulo: Atica, 2006.

LIMA, Venicio Artur de. **Comunicação e cultura: as ideias de Paulo Freire.** Rio de Janeiro,: Paz e Terra, c1981. 167 p., il. -. (Coleção Educação e Comunicação,; v. v.4).

LOZZA, Carmen. **Escritos sobre jornal e educação: olhares de longe e de perto.** São Paulo: Global, 2009.

MEDITSCH, Eduardo. **A nova era do rádio: o discurso do radiojornalismo enquanto produto intelectual eletrônico.** Livros Leituras e Estudos da Comunicação, Lisboa, v. 1, n. 2, 2005.

MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** Media & Jornalismo, Cascais/Coimbra, v. 1, n. 1, p. 9-22, 2002. Disponível em:<<http://revistas.univerciencia.org/>>. Acesso em: 26 julh.2010.

MEDITSCH, Eduardo; FARACO, Mariana Bittencourt. **O pensamento de Paulo Freire sobre jornalismo e mídia.** INTERCOM, São Paulo, v. XXVI, n. 1, p. 25-46, 2003. Disponível em:<<http://www.bocc.uff.br/pag/meditsch-eduardo-faraco-mariana-pensamento-paulo-freire.pdf>>. Acesso em. 20 mar.2010.

MELO, José Marques. **Jornalismo, forma e conteúdo.** São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2009.

MENDES, PATRÍCIA. **Discursos da vida real: articulações entre jornalismo e cotidiano na imprensa feminina.** In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba.

XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009. Disponível em:<<http://www.intercom.org.br>> Acesso em:26 julh.2010.

PEIXOTO, Adão Jose; Coelho, ILDEU Moreira. **Filosofia, educação e cidadania**. 2. ed. Campinas, SP: Alínea, 2004.

SERVA, Leão. **Jornalismo e desinformação**. 3. ed. São Paulo: SENAC São Paulo, 2005.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa; NERY, Vanda Cunha Albieri. **Para entender as teorias da comunicação**. Uberlândia, MG: Aspectus, 2004.

SERVA, LEÃO. **Notícias e Serviços**: um estudo sobre o conteúdo dos telejornais da Rede Globo. Comunicação & Sociedade, São Bernardo do Campo: UMESP, v. XXXVII, p. 115-134, 2002. Disponível em:<<http://www.revista.univerciencia.org.br>>. Acesso em: 26 de julh.2010.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

TORRES, Carlos Alberto. **A política da educação não-formal na America Latina**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VASCONCELOS, Maria Lúcia Marcondes Carvalho; BRITO, Regina Helena Pires de. **Conceitos de educação em Paulo Freire**. 3 ed – Petrópolis, RJ: Vozes: São Paulo, SP: Mack pesquisa, 2009.

VICCHIATTI, Carlos Alberto. **Jornalismo: comunicação, literatura e compromisso social**. São Paulo. Paulus, 2005.

7. ANEXOS

MATERIAL PARA PESQUISA COM GRUPOS FOCAIS
TELEJORNAL: JORNAL NACIONAL (TV REDE GLOBO)
EDIÇÃO: 12 de abril de 2010
DURAÇÃO: 32'42”.

BLOCO I: (10 min.)

Caso “Luziânia”: - OS BRASILEIROS COMEÇARAM A SEMANA EM CHOQUE POR CAUSA DO ESCLARECIMENTO DE UM CRIME. O ASSASSINO CONFESSO DE SEIS JOVENS NA CIDADE DE LUZIÂNIA, EM GOIÁS, TINHA SIDO CONDENADO POR PEDOFILIA. A COVARDIA E A BRUTALIDADE DOS CRIMES PROVOCARAM AINDA MAIS INDIGNAÇÃO QUANDO OS CIDADÃOS DESCOBRIRAM QUE O MONSTRO ESTAVA PRESO, MAS FOI BENEFICIADO COM REDUÇÃO DA PENA. E COMEÇOU A MATAR UMA SEMANA DEPOIS DE PASSAR POR REGIME SEMI-ABERTO.

Caso “missionária Dorothy Stang”: - NO PARÁ, O FAZENDEIRO ACUSADO DE ENCOMENDAR A MORTE DA MISSIONÁRIA DOROTHY STANG, EM 2005, ESTÁ SENDO JULGADO PELA TERCEIRA VEZ.

Vaticano: - O VATICANO PUBLICOU HOJE NA INTERNET OS PROCEDIMENTOS SEGUIDOS EM CASOS DE ACUSAÇÕES DE ABUSOS SEXUAIS POR MENORES.

Injeção sem dor: - CIENTISTAS JAPONESES ESTÃO DESENVOLVENDO UMA NOVIDADE NA ÁREA MÉDICA QUE PODE SE TRANSFORMAR NUM ALÍVIO PARA

MILHÕES DE PESSOAS. IMAGINE SÓ, ESTÁ EM FASE DE TESTE A INJEÇÃO SEM DOR.

BLOCO II: (10min.)

Desmoronamento no RJ: TERMINARAM AS BUSCAS ÀS VÍTIMAS DO DESLIZAMENTO NO MORRO DOS PRAZERES NO RIO. OS DOIS ÚLTIMOS CORPOS FORAM LOCALIZADOS HOJE. AS CHUVAS DEIXARAM 231 MORTOS NO ESTADO. NO MORRO DO BUMBA, EM NITERÓI, ATÉ AGORA FORAM ENCONTRADOS APENAS 36 CORPOS.

Continuação: NO RIO, MORADORES QUE VIVEM EM ÁREAS DE RISCOS ESTÃO COMEÇARAM A SER REMOVIDOS.

Continuação: EM NITERÓI, A PREFEITURA IDENTIFICOU MIL FAMÍLIAS QUE MORAM EM ÁREAS DE RISCO. ESSES MORADORES TERÃO DE SAIR DE CASA E TAMBÉM RECEBERÃO ALUGUEL SOCIAL. EM TODO ESTADO DO RIO, QUASE 70 MIL E 500 PESSOAS TIVERAM QUE DEIXAR SUAS CASAS.

Previsão do Tempo.

Material nuclear - Internacional: LÍDERES DE 47 PAÍSES ESTÃO REUNIDOS EM WASHINGTON PARA DISCUTIR FORMAS DE AUMENTAR SEGURANÇA DO MATERIAL NUCLEAR EXISTENTE NO PLANETA.

BLOCO III: (10 min.)

Floresta Amazônica: O JORNAL NACIONAL COMEÇA HOJE COMEÇA UMA SÉRIE DE REPORTAGEM SOBRE A EXPLORAÇÃO ECONÔMICA DA FLORESTA AMAZÔNICA. OS REPÓRTERES TONICO FERREIRA FERNANDO FERRO PERCORRERAM VÁRIOS ESTADOS PARA MOSTRAR DUAS REALIDADES: A DEVASTAÇÃO PROVOCADA PELO DESMATAMENTO ILEGAL E OS PROJETOS DESENVOLVIDOS PARA GERAR RIQUEZAS SEM PREJUDICAR A FLORESTA. NESSA PRIMEIRA REPORTAGEM, VOCÊ VAI VER COMO O COMÉRCIO CLANDESTINO DE MADEIRA RESISTE, E O ESFORÇO DE QUEM QUER TRABALHAR DENTRO DA LEI.

Construção da hidrelétrica no Pará: 700 PESSOAS CONTRÁRIAS À CONSTRUÇÃO DA HIDRELÉTRICA NO PARÁ PARTICIPARAM DE UMA PASSEATA EM BRASÍLIA.

Mercado Financeiro.

Direitos autorais: FOI CRIADO HOJE O COMITÊ DE CULTURAS E DIREITOS AUTORAIS.

Caso “Ex-governador Arruda”: O EX-GOVERNADOR DO DISTRITO FEDERAL, JOSÉ ROBERTO ARRUDA, SAIU HOJE DA PRISÃO DEPOIS DE 2 MESES. O SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL ENTENDEU QUE ELE JÁ NÃO REPRESENTA

AMEAÇA A INVESTIGAÇÃO SOBRE O “MENSALÃO DO DEMOCRATAS DE BRASÍLIA”.

BLOCO IV: (2min40s.)

Fórmula 1: - A FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE AUTOMOBILISMO CANCELOU O BANIMENTO DO ITALIANO FLÁVIO BRIATORE, EX-CHEFE DA EQUIPE RENAULT DE FÓRMULA 1. ELE FOI CONSIDERADO O MENTOR DO ACIDENTE FORJADO PELO BRASILEIRO NELSON PIRELLI, EM 2008, PARA BENEFICIAR O COMPANHEIRO FERNANDO ALONSO NO GP DE SINGAPURA.

Futebol no Brasil: - FÁBIO KOFF, PÓ REELEITO HOJE PRESIDENTE DO CLUBE DOS 13, A ENTIDADE QUE REÚNE OS 20 CLUBES MAIS IMPORTANTES DO BRASIL.

Copa na África: - O PAÍS QUE ORGANIZA A COPA DO MUNDO GANHOU UM PROBLEMA PARA RESOLVER. FALTAM SÓ DOIS MESES PARA COMEÇAR O MUNDIAL E UMA GREVE PARALISOU A ÁFRICA DO SUL.

MODELO: ENTREVISTA COM GRUPOS FOCAIS

Grupo:

Membro:

Nível de Escolaridade:

1. Você considera o jornalismo importante para sua vida? (Por quê?)

2. Quantos por cento das notícias vistas aqui você é capaz de se lembrar?

3. Quantos por cento das notícias vistas aqui você não entendeu?

4. Qual o motivo de você não ter entendido tais notícias?
 - 4.1 Conteúdo complexo?
 - 4.2 Linguagem de difícil compreensão?
 - 4.3 Interesse?
 - 4.4 Outros? Quais?

5. Quais notícias você considera como mais importantes?

6. Alguma notícia transmitiu algo em termos de conhecimento para você? (As próximas perguntas serão feitas no caso de resposta positiva da questão 6).

7. Foi um conhecimento novo, ou seja, você passou a conhecer algo novo?

8. Foi útil, ou seja, você encontra nesses conhecimentos a possibilidade de praticá-lo em seu dia-a-dia?

9. Esse conhecimento vai modificar algo na sua conduta prática ou reformar/complementar um conhecimento prévio ou uma ação antes praticada e que será revista ou acrescentada?

ENTREVISTA – GRUPO FOCAL 1

Grupo: 1

Membro: 1.1

Nível de Escolaridade: Até 5º ano Ens. Fundamental I

1. Você considera o jornalismo importante para sua vida? (Por quê?)

R. Sim. Porque através do jornalismo a gente adquire conhecimento, entendimento e sabedoria, e eu considero de muita importância porque nos traz as notícias que, sem o jornalismo, nós não ficaríamos sabendo. Tem coisa que minha esposa não fica sabendo, porque ela não assiste o jornal. Não sabe conversar em uma roda de amigos sobre os assuntos que a gente discute diariamente.

2. Quantos por cento das notícias vistas aqui você é capaz de se lembrar?

R. Uns 50%.

3. Quantos por cento das notícias vistas aqui você não entendeu?

R. Uns 30%.

4. Qual o motivo de você não ter entendido tais notícias?

4.1 Conteúdo complexo?

4.2 Linguagem de difícil compreensão?

4.3 Interesse?

4.4 Outros? Quais?

R. Falta de interesse pelo assunto.

5. Quais notícias você considera como mais importantes?

R. Sobre o desmatamento da Amazônia.

6. Alguma notícia transmitiu algo em termos de conhecimento para você? (As próximas perguntas serão feitas no caso de resposta positiva da questão 6)

R. Sim, mais de uma notícia.

7. Foi um conhecimento novo, ou seja, você passou a conhecer algo novo?

R. Sim, passei a conhecer algo novo.

8. Foi útil, ou seja, você encontra nesses conhecimentos a possibilidade de praticá-lo em seu dia-a-dia?

R. Sim. Sobre o desmatamento da Amazônia.

9. Esse conhecimento vai modificar algo na sua conduta prática ou reformar/complementar um conhecimento prévio ou uma ação antes praticada e que será revista ou acrescentada?

R. Sobre a conservação do meio ambiente. Desmatamento da Amazônia. Ser mais praticante na assistência social eu também aprendi vendo o deslizamento de terra em Niterói. Ajudar o próximo, ser mais solidário com o próximo. Essa notícia mexeu comigo.

ENTREVISTA – GRUPO FOCAL 1

Grupo: 1

Membro: 1.2

Nível de Escolaridade: Até 5º ano Ens. Fundamental I

1. Você considera o jornalismo importante para sua vida? (Por quê?)

R. Considero. Porque traz notícias pra gente que ta dentro de casa, e toda vida eu tive o jornal como exemplo de vida porque a gente vê o sofrimento das pessoas. Quantas meninas de 15 anos a gente vê no jornal quebrando a cara e a gente vai aprendendo com tudo isso. Eu criei meus filhos ensinando pra eles o que o jornal passa. Tem coisa que só resolve com o jornal. O jornalismo traz educação para meus filhos.

2. Quantos por cento das notícias vistas aqui você é capaz de se lembrar?

R. Eu me lembro de uns 50%.

3. Quantos por cento das notícias vistas aqui você não entendeu?

R. Eu não entendi uns 10%.

1. Qual o motivo de você não ter entendido tais notícias?

1.1 Conteúdo complexo?

1.2 Linguagem de difícil compreensão?

1.3 Interesse?

1.4 Outros? Quais?

R. Não foi por falta de interesse, foi a linguagem complexa mesmo. Eles falam muito rápido.

Mas admito que, quando o assunto é de nosso interesse, a gente presta mais atenção.

2. Quais notícias você considera como mais importantes?

R. A mais importante foi aquela da vacina, principalmente para crianças.

3. Alguma notícia transmitiu algo em termos de conhecimento para você? (As próximas perguntas serão feitas no caso de resposta positiva da questão 6)

R. A da vacina eu tive conhecimento.

4. Foi um conhecimento novo, ou seja, você passou a conhecer algo novo?

R. A da vacina foi um conhecimento novo que eu tive hoje.

5. Foi útil, ou seja, você encontra nesses conhecimentos a possibilidade de praticá-lo em seu dia-a-dia?

R. Praticar sim. Por exemplo, quando uma conhecida minha vai tomar vacina eu já oriento falando que não vai doer porque eu vi o jornal. A criança não sabe, não entende o jornal, não vai saber da notícia, mas nós podemos avisar.

6. Esse conhecimento vai modificar algo na sua conduta prática ou reformar/complementar um conhecimento prévio ou uma ação antes praticada e que será revista ou acrescentada?

R. Eu creio que sim, quanto mais conhecimento, melhor pra mim, principalmente que ainda vou ter neto. Eu quero passar o conhecimento sobre essa nova tecnologia para frente. Porque o jornalismo transmite conhecimento. Ele jornalismo pode ensinar tanto quanto a escola. Se não

assistir o jornal você não vai ter conhecimento. Eu gosto mais do jornal local porque coisas do meu estado me interessam mais. Aparecida de Goiânia me interessa mais. Quando acontece algo grave lá fora eu nem me importo muito, mas quando é no estado de Goiás, eu me interesse mais porque eu posso praticar aquilo. Quando fala do tarado da moto, eu já fico esperta porque o jornal tá despertando aquele perigo.

ENTREVISTA – GRUPO FOCAL 1

Grupo: 1

Membro: 1.3

Nível de Escolaridade: Nunca frequentou a escola

1. Você considera o jornalismo importante para sua vida? (Por quê?)

R. Considero. Em vários aspectos e ocasiões; Uma parte é importante. Por exemplo, quando fala sobre a mudança das criaturas do Rio de Janeiro que o governo tem que ajudar. Essa é uma parte boa que é importante de saber. Mas quando só passa coisas ruins eu saio de perto da TV porque eu não gosto de ver notícia ruim. A gente liga o jornal, só vê guerra, assaltante, traficante e coisas que não dá pra gente pensar.

1. Quantos por cento das notícias vistas aqui você é capaz de se lembrar?

R. Eu me lembro de somente uns 10%.

2. Quantos por cento das notícias vistas aqui você não entendeu?

R. Eu não entendi 80%.

3. Qual o motivo de você não ter entendido tais notícias?

3.1 Conteúdo complexo?

3.2 Linguagem de difícil compreensão?

3.3 Interesse?

3.4 Outros? Quais?

R. Eu não consigo entender porque tem notícias difíceis e fáceis, mas meu maior problema é a

memória. Não me lembro nem dos nomes. Conteúdo complexo. A da Amazônia eu já vi muitas vezes, mas não consigo entender pra onde aquela madeira vai naquele rio abaixo. Já vi muitas vezes essa cena, mas não consigo entender.

4. Quais notícias você considera como mais importantes?

R. A da injeção sem dor, é uma ciência fina, que ajuda as pessoas.

5. Alguma notícia transmitiu algo em termos de conhecimento para você? (As próximas perguntas serão feitas no caso de resposta positiva da questão 6)

R. Um conhecimento. Eu não conhecia a da injeção.

6. Foi um conhecimento novo, ou seja, você passou a conhecer algo novo?

R. A da injeção foi um conhecimento novo.

7. Foi útil, ou seja, você encontra nesses conhecimentos a possibilidade de praticá-lo em seu dia-a-dia?

R. Eu achei ótimo. Isso ainda não veio para o Brasil, ainda tá em teste.

8. Esse conhecimento vai modificar algo na sua conduta prática ou reformar/complementar um conhecimento prévio ou uma ação antes praticada e que será revista ou acrescentada?

R. Por exemplo, se vier qualquer tipo de doença no Brasil e a injeção pudesse acudir. Minha irmã está precisando de uma injeção daquela.

ENTREVISTA - GRUPO FOCAL 2

Grupo: 2

Membro: 2.1

Nível de Escolaridade: Até 9º ano do Ens. Fundamental

1. Você considera o jornalismo importante para sua vida? (Por quê?)

R. Eu não considero o jornalismo importante porque toda a vez que tenho contato com ele vejo as mesmas notícias: política, corrupção, futebol. Promessas, promessas e promessas que nunca se cumprem. E eu já me cansei de assistir jornal assim. Mas, ao mesmo tempo, eu sei que é importante porque senão como que as pessoas vão ficar cientes das coisas que estão acontecendo no mundo?

2. Quantos por cento das notícias vistas aqui você é capaz de se lembrar?

R. Eu consigo me lembrar de 50% das notícias que eu vi, principalmente a primeira reportagem, do maníaco de Luziânia..

3. Quantos por cento das notícias vistas aqui você não entendeu?

R. Não é que não entendi as notícias, eu simplesmente não fiquei interessada em 50% das notícias.

4. Qual o motivo de você não ter entendido tais notícias?

4.1 Conteúdo complexo?

4.2 Linguagem de difícil compreensão?

4.3 Interesse?

4.4 Outros? Quais?

R. O motivo de não eu não ter entendido as notícias se deve à linguagem difícil e a falta de interesse. Não me interessei porque, como na notícia do caso Arruda, por exemplo, vejo que não há justiça, e quando o assunto é política não me interessa porque é muita malandragem. É um absurdo! Enquanto tanta gente está passando necessidade, eles estão roubando e saem impunes.

5. Quais notícias você considera como mais importantes?

R. As quatro notícias que eu considero mais importantes são a que fala do maníaco de Luziânia, os padres pedófilos, o desmoronamento em Niterói e desmatamento em Tailândia.

6. Alguma notícia transmitiu algo em termos de conhecimento para você? (As próximas perguntas serão feitas no caso de resposta positiva da questão 6)

R. Sim, a notícia do desmatamento em Tailândia transmitiu algo em termos de conhecimento para mim. Eu não sabia que isso acontecia lá e achei muito importante ficar sabendo.

7. Foi um conhecimento novo, ou seja, você passou a conhecer algo novo?

R. Eu já vi em outras reportagens sobre desmatamentos, mas não sabia sobre o desmatamento tailandês que destruiu uma parte, mas contou com a ajuda de tailandeses que plantaram a outra para produzir o óleo de dendê. Isso foi um conhecimento novo. Então eles vivem lá e agora querem ajudar as pessoas que moram lá. Porque se todo mundo fizesse isso, a floresta não ia acabar.

8. Foi útil, ou seja, você encontra nesses conhecimentos a possibilidade de praticá-lo em seu dia-a-dia?

R. Claro que esse conhecimento novo foi útil. Agora eu vejo que posso aproveitar alguma coisa dentro da minha casa, principalmente na cozinha. Já vi muitas nutricionistas ensinando a

aproveitar as cascas das frutas e nunca tive esse interesse. Agora já vou praticá-lo

9. Esse conhecimento vai modificar algo na sua conduta prática ou reformar/complementar um conhecimento prévio ou uma ação antes praticada e que será revista ou acrescentada?

R. Vai acrescentar práticas novas, como aproveitando os alimentos na cozinha. Já vi em muitas casas as pessoas pegarem o vidro de detergente e jogarem fora. E eu vou cortar a tampa para aproveitar o conteúdo. É um desperdício que eu não vou praticá-lo, assim como o óleo de fritura. Vou guardar para fazer sabão.

ENTREVISTA – GRUPO FOCAL 2

Grupo: 2

Membro: 2.2

Nível de Escolaridade: Ensino Médio Completo

1. Você considera o jornalismo importante para sua vida? (Por quê?)

R. Em fatos, hoje, pra gente que tá começando na vida profissional, o jornalismo é bom. Para os estudos, o jornal pode trazer clareza dos assuntos como política, e acrescentar na minha educação. Mais na frente, com o que aprendi com o jornalismo, teremos entendimento e sabedoria sobre tudo que a gente vai praticar a aprender. Vamos materializando tudo que a gente aprende no jornal, e até saber o que não se deve praticar. Ele ajuda na clareza dos nossos atos. Ele me ajuda na prática dos meus atos.

2. Quantos por cento das notícias vistas aqui você é capaz de se lembrar?

R. Acredito que me lembro de todas. 100%.

3. Quantos por cento das notícias vistas aqui você não entendeu?

R. Não entendi 20% das notícias.

4. Qual o motivo de você não ter entendido tais notícias?

4.1 Conteúdo complexo?

4.2 Linguagem de difícil compreensão?

4.3 Interesse?

4.4 Outros? Quais?

R. O motivo de eu não ter entendido algumas matérias se deve a linguagem de difícil compreensão.

5. Quais notícias você considera como mais importantes?

R. A notícia do Ex-Governador Arruda eu considero como mais importante.

6. Alguma notícia transmitiu algo em termos de conhecimento para você? (As próximas perguntas serão feitas no caso de resposta positiva da questão 6)

R. Sim, a notícia da invenção da injeção sem dor transmitiu conhecimento para mim.

7. Foi um conhecimento novo, ou seja, você passou a conhecer algo novo?

R. Sim. A questão da injeção sem dor foi um conhecimento novo. Essa invenção é algo excepcional que pode trazer melhorias para o Brasil. Mais disponibilidade de se cuidar e não se deixar levar pela desculpa de não ter condição de ir a postos de saúde.

8. Foi útil, ou seja, você encontra nesses conhecimentos a possibilidade de praticá-lo em seu dia-a-dia?

R. Sim. Foi um conhecimento útil para minha vida. A notícia me deixou pensando em o que eu posso fazer para trazer alguma idéia que gere beneficio social para as pessoas. Hoje, muita gente está ingressando em certas áreas que podem ser úteis tanto para mim quanto para eles. O curso superior na faculdade como proposta de trazer pesquisas que beneficiem o próximo, a sociedade.

9. Esse conhecimento vai modificar algo na sua conduta prática ou reformar/complementar um conhecimento prévio ou uma ação antes praticada e que será revista ou acrescentada?

R. Eu acredito que hoje uma conduta será acrescentada e revista porque eu já perdi várias oportunidades de acrescentar algo para a sociedade que a matéria me mostrou que hoje é importante, e nunca fiz.

ENTREVISTA – GRUPO FOCAL 2

Grupo: 2

Membro: 2.3

Nível de Escolaridade: Ensino Médio Completo

1. Você considera o jornalismo importante para sua vida? (Por quê?)

R. Sim. Eu considero o jornalismo importante porque ele me informa e me educa.

2. Quantos por cento das notícias vistas aqui você é capaz de se lembrar?

R. Eu sou capaz de me lembrar de 60%.

3. Quantos por cento das notícias vistas aqui você não entendeu?

R. Eu entendi todas as notícias. 100%.

4. Qual o motivo de você não ter entendido tais notícias?

4.1 Conteúdo complexo?

4.2 Linguagem de difícil compreensão?

4.3 Interesse?

4.4 Outros? Quais?

R. Sem resposta porque o entrevistado entendeu todas.

5. Quais notícias você considera como mais importantes?

R. A descoberta do assassino do caso de Luziânia e a notícia sobre a injeção sem dor foram, para mim, as notícias mais importantes.

6. Alguma notícia transmitiu algo em termos de conhecimento para você? (As próximas perguntas serão feitas no caso de resposta positiva da questão 6)

R. Sim, a notícia da injeção sem dor transmitiu conhecimento a mim.

7. Foi um conhecimento novo, ou seja, você passou a conhecer algo novo?

R. Passei sim a conhecer algo novo, e como!

8. Foi útil, ou seja, você encontra nesses conhecimentos a possibilidade de praticá-lo em seu dia-a-dia?

R. Sim, foi útil, ou seja, em pouco tempo, eu tomarei uma injeção que não doerá em mim. Eu descobri isso.

9. Esse conhecimento vai modificar algo na sua conduta prática ou reformar/complementar um conhecimento prévio ou uma ação antes praticada e que será revista ou acrescentada?

R. Sim. Vai modificar não só comigo como em todo mundo porque não doerá mais tomar injeção, isso será muito bom

ENTREVISTA – GRUPO FOCAL 3

Grupo: 3

Membro: 3.1

Nível de Escolaridade: Ensino Superior Completo – Administração

1. Você considera o jornalismo importante para sua vida? (Por quê?)

R. O jornalismo sim, eu considero importante, mas não o que a imprensa publica de uma forma geral. Nós sabemos que os jornais não são imparciais. Existe muita disputa entre eles e somos nós os prejudicados, principalmente ao jornalismo que cobre política. Hoje os jornalistas nem fazem mais questões de esconder a sua preferência a um candidato, por exemplo. O twitter é a ferramenta que eles usam para mostra sua opinião. Deixei de seguir jornalistas na TV no twitter porque não gostei da sua escolha política. Exemplos disso são Luiz Gama e Paulo Henrique Amorim.

2. Quantos por cento das notícias vistas aqui você é capaz de se lembrar?

R. Eu sou capaz de me lembrar de 35% das notícias que eu vi.

3. Quantos por cento das notícias vistas aqui você não entendeu?

R. Eu entendi todas as notícias. 100%. São matérias que eu acompanho dia a dia, então ficou mais fácil, como o caso Arruda, do assassinato da missionária e sobre a Copa do Mundo.

4. Qual o motivo de você não ter entendido tais notícias?

4.1 Conteúdo complexo?

4.2 Linguagem de difícil compreensão?

4.3 Interesse?

4.4 Outros? Quais?

R. Eu entendi todas, mas se tivesse alguma que não entendi, o motivo seria a falta de interesse sobre o assunto.

5. Quais notícias você considera como mais importantes?

R. As notícias que considero mais importantes são a questão da pedofilia envolvendo os padres, o maníaco de Luziânia e a impunidade da justiça por ter liberado o rapaz, apesar de ali eu acredito ter sido matéria elaborada, ou seja, construída conscientemente e parcial, porque ali depois o rapaz suicidou, a corrupção que existe na Amazônia.

6. Alguma notícia transmitiu algo em termos de conhecimento para você? (As próximas perguntas serão feitas no caso de resposta positiva da questão 6)

R. Transmitiu sim conhecimento para mim.

7. Foi um conhecimento novo, ou seja, você passou a conhecer algo novo?

R A matéria sobre a injeção sem dor trouxe um conhecimento novo. Eu não sabia desse avanço tecnológico. A notícia sobre a briga dos direitos autorais também foi conhecimento novo para mim, principalmente o fato do governo querer pegar uma fatia maior dos impostos. Isso no futuro pode nos afetar.

8. Foi útil, ou seja, você encontra nesses conhecimentos a possibilidade de praticá-lo em seu dia-a-dia?

R. Quando tiver filhos, sim, esse conhecimento terá sido útil porque sei que vai dar menos trabalho quando levá-los para tomar injeção. E se eu quiser gravar um CD ou Livro, terei que pagar mais imposto por isso. Então já estarei atento a essa questão por causa dessa informação que vi no jornal.

9. Esse conhecimento vai modificar algo na sua conduta prática ou reformar/complementar um conhecimento prévio ou uma ação antes praticada e que será

revista ou acrescentada?

R. Esse conhecimento modificou porque ficarei mais atento. No caso dos direitos autorais, procurarei brechas (não fazer algo errado, mas ver onde me encaixo na lei) para garantir meus direitos. O bom de assistir o jornal é que você deixa de ser um pouco leigo. Procurarei uma forma para contornar a situação que me prejudica, como dar muitos impostos ao governo e não ver retorno.

ENTREVISTA – GRUPO FOCAL 3

Grupo: 3

Membro: 3.2

Nível de Escolaridade: Ensino Superior Completo (Fisioterapia)

1. Você considera o jornalismo importante para sua vida? (Por quê?)

R. Em partes sim. Porque a parte que eu considero importante é a facilidade que ele me proporciona em acontecer as coisas, tipo um cardápio, e a parte desnecessária é a parte que ele foca muito em assuntos ligado a crimes, de uma forma geral. Geralmente eu durmo no jornal, ele é um sonífero natural. É muito repetitivo, atinge todo mundo, eles ficam sabendo da mesma coisa, mas que já viu um, não precisa mais assistir o resto da vida.

1. Quantos por cento das notícias vistas aqui você é capaz de se lembrar?

R. 80%.

2. Quantos por cento das notícias vistas aqui você não entendeu?

R. 10%.

3. Qual o motivo de você não ter entendido tais notícias?

3.1 Conteúdo complexo?

3.2 Linguagem de difícil compreensão?

3.3 Interesse?

3.4 Outros? Quais?

R. Falta de interesse e porque as notícias são muito rápidas, o tempo é muito curto, quando você começa a prestar atenção, a notícia já acabou.

4. Quais notícias você considera como mais importantes?

R. A primeira notícia do caso de Luziânia, interessante a notícia da injeção e importante a notícia da Amazônia.

5. Alguma notícia transmitiu algo em termos de conhecimento para você? (As próximas perguntas serão feitas no caso de resposta positiva da questão 6)

R. Sim, do desmatamento da Amazônia.

6. Foi um conhecimento novo, ou seja, você passou a conhecer algo novo?

R. Sim, acrescentou algo novo em termos de conhecimento.

7. Foi útil, ou seja, você encontra nesses conhecimentos a possibilidade de praticá-lo em seu dia-a-dia?

R. Neste caso, não.

8. Esse conhecimento vai modificar algo na sua conduta prática ou reformar/complementar um conhecimento prévio ou uma ação antes praticada e que será revista ou acrescentada?

R. Sim, por exemplo, esse da Amazônia acrescenta o fato de que tem muitas pessoas que não se preocupa tanto com a questão de preservação, cultivo de plantas, ele que desmatava e próprio plantio, e o fato de que a gente não pare pra plantar árvore, dá pra gente mudar algo em termos de usar menos papel, por exemplo.

ENTREVISTA – GRUPO FOCAL 3

Grupo: 3

Membro: 3.3

Nível de Escolaridade: Ensino Superior Completo (Direito)

1. Você considera o jornalismo importante para sua vida? (Por quê?)

R. Considero. É uma forma da gente saber o que tá acontecendo na sociedade, no mundo. Mais atualizado do que tá acontecendo. O jornal não é muito educativo, é mais informativo. Ele apenas informa, mas não passa conhecimento. Ele não explica, só joga ao leitor o que está acontecendo por meio da informação.

2. Quantos por cento das notícias vistas aqui você é capaz de se lembrar?

R. Eu me lembro de tudo. 100%

3. Quantos por cento das notícias vistas aqui você não entendeu?

R. Usinas nucleares, questão do desmatamento. 20%

4. Qual o motivo de você não ter entendido tais notícias?

4.1 Conteúdo complexo?

4.2 Linguagem de difícil compreensão?

4.3 Interesse?

4.4 Outros? Quais?

R. Linguagem de difícil compreensão e conteúdo complexo.. Questão do desmatamento que eles não explicam direito. Na verdade, ninguém conhece mto bem a lei do desmatamento, ninguém

entende como funciona a Lei. E na notícia eles não explicam isso muito bem. É um pouco superficial. Inclusive, nas que falam de direito, quem na faz, eles não sabem o que está acontecendo. Regime semi-aberto. Quem não entende não sabe o que tá acontecendo.

5. Quais notícias você considera como mais importantes?

R. A do caso de Luziânia, das inundações em Niterói, dos acordos entre os governos da Usina Nuclear. ONU.

6. Alguma notícia transmitiu algo em termos de conhecimento para você? (As próximas perguntas serão feitas no caso de resposta positiva da questão 6)

R. Não.

7. Foi um conhecimento novo, ou seja, você passou a conhecer algo novo?

R. Não houve conhecimento novo. Tudo eu já tinha conhecimento.

8. Foi útil, ou seja, você encontra nesses conhecimentos a possibilidade de praticá-lo em seu dia-a-dia?

R. Não.

9. Esse conhecimento vai modificar algo na sua conduta prática ou reformar/complementar um conhecimento prévio ou uma ação antes praticada e que será revista ou acrescentada?

R. Não.